

SAÍDA PACÍFICA E LUTA DE MASSAS

Art. de Glacendo Dias na 3ª pág.

Conselho de Ministros Adotou Teses de Link

Texto na 3ª pág.

Adalgisa Nery, os Comunistas e o Movimento Sindical

Art. de Jayer Tolles na 2ª pág.

# Govêrno Ianque Prepara Nova Invasão de Cuba

TEXTO NA 8ª PÁGINA

## NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA GUANABARA

ANO III RIO de Janeiro, semana de 10 a 16 de novembro de 1961 Nº 144

### CORTAR O MAL PELA RAIZ

Oriundo Bomfim Jr.

NOVAS denúncias têm sido feitas sobre a atividade conspirativa dos golpistas. Ninguém duvida mais da sua rearticulação. Os 32 milhões de dólares trazidos pelo sr. Carlos Lacerda dos Estados Unidos são, apesar da gravidade do fato, um detalhe. Quem poderia deixar de ter certeza de que os monopolistas norte-americanos — principais interessados em travar o processo democrático no Brasil — se dispõem a ajudar por todas as formas e meios seus lugares-tenentes no país? Nem há necessidade, aliás, de ir buscar os dólares lá. Aqui mesmo eles podem ser encontrados... O detalhe serve para deixar ainda mais claro que os badernaços estão, efetivamente, a serviço de interesses antinacionais.

ASPECTO mais grave, das denúncias feitas ultimamente, é que o dispositivo militar golpista, ao contrário de ser desmontado, está sendo reforçado em virtude de medidas tomadas pelo próprio governo. Houve, entre substituições feitas em determinadas comissões, uma substituição e outra que golpistas estão sendo deslocados à frente de tropas. Chegamos mesmo a conhecer o exemplo chocante do Rio Grande do Sul, onde o que representou, na crise de Agosto, a base do dispositivo militar da legalidade estaria agora se transformando em dispositivo militar do golpe.

POR outro lado, a rearticulação das forças políticas reacionárias se faz às claras. Ai está o que se batizou "janismo sem Jânio". Falhou o lançamento do manifesto dos governadores, que acabou saindo sem nenhuma assinatura. Mas a posição dos governadores de São Paulo, Pernambuco e Bahia não dá margem a nenhuma ilusão. É evidente seu propósito de opor-se a solução de nossos problemas num sentido efetivamente favorável ao povo. E nem se torna necessário analisar o que dizem esses senhores. Basta que se veja o que fazem eles nos Estados que administram.

ENQUANTO tudo isso ocorre e o tempo passa, o governo federal continua imobilizado. E a situação se agrava a todo momento. As massas, na verdade, não estão de braços cruzados. Avoluma-se e se organiza a luta contra a carestia, que adquire novo vigor, impulsionada principalmente pelo movimento feminino. Os camponeses realizaram, com êxito, numerosas convenções nos Estados e se encaminham para a I Conferência Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas. Os operários reagem, através de campanhas reivindicatórias, indo quando necessário à greve, contra a queda do poder aquisitivo dos seus salários. Mas tudo isso — que é justo e necessário — não consegue modificar a situação, que continua se agravando. Diante da desvalorização ininterrupta do cruzeiro, o valor real do salário de hoje é inferior ao de ontem, e o de amanhã de amanhã será inferior ao de hoje. O salário mínimo, que devia representar uma remuneração que assegurasse a vida condigna ao trabalhador e sua família, passa a ser o mínimo para que o trabalhador e sua família não morram de fome.

É NECESSÁRIO, pois, cortar o mal pela raiz. Os paliativos, que nunca bastaram, se tornam cada vez mais ineficazes. E a tal ponto os problemas se agravam que ninguém mais consegue camuflá-los. Daí a gritaria geral da necessidade de reformas de base, reformas na estrutura econômica e social do país. Mas, palavras apenas nada resolvem. Mesmo porque muitos dos que falam pretendem exatamente impedir as soluções justas. Repetem o " façamos a Revolução antes que o povo a faça". Por que temem a revolução do povo? Pois é exatamente ao povo que cabe, pela sua ação organizada, transformar em realidade as reformas de base.

AS forças nacionalistas e democráticas, embora tenham saído fortalecidas da crise política de Agosto, continuam insuficientemente preparadas para enfrentar a situação. E não podem perder tempo, enquanto os conciliadores e golpistas se articulam e agem. Urge que encontrem as formas de se organizar solidariamente, que tracem com clareza e objetividade seu programa e que iniciem sua ação conjugada. Os comunistas, que se orientam pela Resolução Política recentemente aprovada, saberão desempenhar com entusiasmo seu papel ao lado de todos os demais democratas e patriotas.

Kruschiov: «Cessaremos Provas Atômicas Quando Ocidentais Fizerem o Mesmo»

Texto na 7ª pág.

### Donas-de-Casa Mobilizadas na Luta Contra a Carestia



INICIADO na Guanabara e alcançando já diversas outras unidades de federação, ganha força e a mais ampla simpatia popular o movimento feminino de combate à incessante elevação dos preços dos gêneros de primeira necessidade, e de todas as utilidades. Em tempo recorde, e em apenas quatro cidades (Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Brasília) grupos de senhoras integrantes das associações de donas-de-casa — organizações que estão à frente da luta — recolheram mais de cem mil assinaturas para um memorial proposto ao presidente da República e ao Conselho de Ministros medidas para deter a alta escorchante do custo de vida. O documento, entregue em Brasília ao sr. João Goulart, por uma comissão de senhoras, obteve larga repercussão. No momento, nas principais cidades do país, as donas-de-casa conclamam o povo a cerrar fileiras ao seu lado na batalha pela imediata aplicação das providências solicitadas no memorial. Ao mesmo tempo enfrentam os exploradores do povo, combatendo as pretensões autmentistas dos especuladores, como ocorre agora na Guanabara, quando os produtores do leite insistem junto à COFAP na liberação do preço do produto. Na sua campanha antiaumentista as donas-de-casa vêm utilizando as mais variadas formas de contato com o povo, desde os tradicionais cartazes e faixas até a inovação bem sucedida dos comícios volantes, em que os oradores falam em clima de caminhôes.

REGISTRO DO PCB: SÃO PAULO COM 24 MIL ASSINATURAS

PROSEGUE com grande entusiasmo, em todo o Estado de São Paulo, a campanha de coleta de assinaturas para o registro do Partido Comunista Brasileiro. Cêrca de 24.000 assinaturas já foram coletadas, de acordo com um balanço ainda bastante incompleto, das quais 14.000 na Capital, 2.100 em Santos, 2.200 em Santo André, 1.300 em Sorocaba. Os ferroviários da Estrada de Ferro Sorocabana já conseguiram cêrca de 1.000 assinaturas.

Portuários Conquistaram 40% de Aumento

Texto na 2ª pág.

## Jango a Guillén: O Brasil Não Admite Nenhuma Intervenção em Cuba

Texto na 5ª página



# Adalgisa Nery e o Papel Dos Comunistas no Movimento Sindical

Jover Telles

Todos os participantes de ampla frente nacionalista e democrática, em processo de formação no Brasil, e que lutam para transformar o presente e alcançar um futuro feliz para o nosso povo, aprenderam a valorizar a aguerrida atividade de Adalgisa Nery em prol dessa nobre causa e a admirar sua flamejante pena, que como um lago a serviço dos humildes, fustiga impetuosamente e incessantemente os verdugos do povo personificados nos magnatas dos trusts norte-americanos, nos latifundiários, e nos demais beneficiários do atraso da estrutura econômica vigente no país. Sem dúvida Adalgisa Nery, sem empunhar como desassombrado a bandeira da emancipação e do progresso nacional.

Tendo presente essa posição retiflexa de Adalgisa Nery, ao lado da base classe, não podem deixar de causa

espécie conceitos e opiniões por ela emitidos, no dia 1.º de corrente mês, através da coluna «Retrato Sem Reto», que, assim, diariamente, no jornal «Última Hora». Realmente, ao analisar a situação em que se encontra o movimento sindical, ao lado de considerações acertadas e de uma justa caracterização da atividade divisionista dos pseudo-sindicalistas agrupados sob o chamado «SINDICALISMO DEMOCRÁTICO», Adalgisa Nery passa a espelhar os comunistas e a velar, talvez inconscientemente, inverdades sobre os objetivos e a ação destes no movimento operário, o que, como é natural, em nada podem contribuir para unificar e fortalecer os sindicatos, objetivos, ao que parece, ulteriores, pela própria coluna. Neste sentido, após considerar a atuação perniciososa dos anticomunistas, no movimento sindical, Adalgisa Nery afirma textualmente:

«Também os comunistas e os que seguem a sua orientação dão o melhor de seus esforços às questões políticas, esquecidos da sua condição primeira de dirigentes sindicais ou associados de Sindicatos. Se os anticomunistas querem filiar-se a CIOSL, ORIT, os comunistas querem atrair o movimento sindical brasileiro a FSM, CTAL, como se tudo neste mundo devesses reger pela teoria dos dois campos, não existisse qualquer alternativa de independência e ao restasse aos países como o Brasil a condição de satélite de qualquer das duas superpotências. Com isto nutrem a tendência anticomunista, adóbe os argumentos desnecessários. Antes de tudo, é preciso dizer que os anticomunistas existem e agem não porque lhes sejam dados argumentos desnecessários, mas porque constituem um fenômeno social tetraédrico, que, objetivamente, expressa os interesses das forças mais reacionárias do imperialismo e dos potentados

da terra. Eles se contrapõem a todos os que combatem pela solução, em profundidade, dos problemas estruturais da atual sociedade brasileira. Os anticomunistas combatem, virulentamente, não somente os comunistas. Tacham de comunistas inclusive, homens como Leonel Brizola, pela simples razão de ter-se oposto aos desígnios dos generais golpistas quando, na recente crise político-militar, pretenderam tutelar e impor sua vontade libertária à nação. Acroimam de comunistas pessoas como Adalgisa Nery, pelo mesmo motivo e visando afastá-la da posição de destaque que ocupa na luta emancipadora de nosso povo. Comunistas, para eles, são todos os patriotas e democratas que se negam a rezar pela cartilha dos trusts norte-americanos e que não se curvam diante da reação interna. E é por isso, entre outras coisas, que os comunistas se orgulham de ser comunistas.

fliz evidente que a filiação a CIOSL, e a total adoção de sua política, significaria por os sindicatos sob a tutela do Departamento do Estado norte-americano. Não obstante isso, partindo de que no movimento sindical brasileiro atuam comunistas, trabalhistas, socialistas, democratas, cristãos, etc., simpatizantes das diversas entidades sindicais internacionais, os comunistas sendo partidários da FSM e defendendo seus postulados, não colocam na ordem do dia a questão da filiação à FSM. Esta não é a questão essencial do momento. Tudo que possa dificultar o processo de unificação dos trabalhadores deve ser evitado. Lutamos pela revogação do dispositivo de lei que atribui ao presidente da República a decisão sobre as relações das entidades sindicais brasileiras com as internacionais. Somente aos trabalhadores cabe decidir sobre o assunto. Preconizamos a participação dos trabalhadores nos conclaves sindicais internacionais, com o fim de pressionar no sentido de alcançar-se o rápido restabelecimento da unidade sindical mundial e de obter-se a solidariedade de todo o movimento operário à luta que desenvolvem em nossa Pátria. As diferenças ideológicas, religiosas, ou político-partidárias, não devem obstar, no Brasil, a unidade de ação e inclusive orgânica dos trabalhadores. Por cima dessas diferenças estão os interesses concretos de classe, dos operários, que lutam contra os mesmos inimigos. Essa foi a posição dos comunistas na I e na II Conferência Sindical Nacional, no III Congresso Sindical e no III Encontro Nacional dos Dirigentes Sindicais, recentemente realizado. A justiça dessa posição ficou expressa na aprovação, por unanimidade, nos referidos conclaves, de resoluções com o conteúdo acima exposto. Portanto, cai por terra a afirmativa de que os comunistas praticam uma política exclusiva, antiunitária, de discriminação ideológica, etc., como diz Adalgisa Nery. E não se tem de tachar de comunistas aquelas reuniões operárias, pois isso significaria empalmar-se e galopar no costado do velho maturo anticomunista, montado por Lacerda, Deocleciano, et cetera. Infelizmente, Adalgisa Nery, vai adiante e afirma:

«Em qualquer oportunidade, os comunistas pretendem sempre transformar os Sindicatos numa espécie de tropa de choque da esquerda». E, ainda, que os comunistas representam uma «tendência que age nos Sindicatos de preferência a partir de motivos políticos, onde soarem falsos em sua boca os propósitos de unidade sindical». Exatamente sob falso argumento de que os comu-

## POLÍCIA DA VEROLME MASSACRA OPERÁRIOS

A polícia particular dos Estaleiros da Verolme, chefiada pelo tira Quina, da Divisão de Ordem Política, continua massacrando impiedosamente a indefesa operários. O diretor da Verolme, que prometeu por fim aos bárbaros espancamentos de trabalhadores dentro da própria empresa, nenhuma providência tomou nesse sentido. O operário Leônidas Paulo Cabral Pinheiro, ferozmente espancado por um grupo de policiais chefiados pelo guarda Omar Leite e Walter de Oliveira, foi levado em estado lastimável para uma casa de saúde, onde está internado vários dias. Ao retornar à empresa, ainda sofrendo os efeitos e espancando trabalhadores, foi demitido do serviço, julgado incapaz para o trabalho.

**REVOLTA**  
Tanto os empregados da Verolme como os das com-

## DELEGAÇÃO BRASILEIRA AO CONGRESSO SINDICAL MUNDIAL

Proseguem em todo o país os preparativos para o envio de uma ampla e representativa delegação de trabalhadores ao V Congresso Sindical Mundial, que se realizará em Moscou, de 4 a 16 de dezembro do corrente.

Na Guanabara, a Comissão Coordenadora da Delegação ao V Congresso se reuniu no dia 14 próximo, na sede do Sindicato dos Acopiadores, para a reunião de balanço da campanha destinada a coleta de fundos para o custeio das passagens dos delegados. Por outro lado, ativistas sindicais de várias categorias profis-

sionais, principalmente dos metalúrgicos, estão coletando assinaturas num memorial de saudação ao V Congresso Sindical Mundial. Basendos nas resoluções aprovadas nos últimos conclaves sindicais nacionais, os líderes sindicais estão elaborando um importante documento que será apresentado no Congresso, contendo a opinião dos trabalhadores brasileiros sobre o Programa de Ação Sindical, elaborado pelo Comitê Executivo da Federação Sindical Mundial, e que NOVOS RUMOS acaba de publicar nesta edição.

**SINDICATO DOS OFICIAIS ALFAIATES, COSTUREIRAS E TRABALHADORES NAS INDUSTRIAS DE CONFECÇÃO DE ROUPAS E DE CHAPUS DE SENHORAS DO ESTADO DA GUANABARA**

Sede Própria: Rua Camerino, 128 - 6.º e 7.º and.  
— Telefone 43-7413 —

**EDITAL**

Faço saber aos que o presente edital for lido, que nos dias 13, 14 e 15 de novembro de 1961, se vão realizar, neste Sindicato, as Eleições para renovação da Diretoria, membros do Conselho Fiscal e Representantes da entidade no Conselho da Federação dos Trabalhadores das Industrias do Vestuário do Rio de Janeiro, bem como dos seus respectivos suplentes, ficando aberto o prazo de dez (10) dias que correrá a partir da primeira publicação deste, para o registro de Chapas na Secretaria, de acordo com o disposto na Portaria Ministerial n.º 146 de 18 de outubro de 1957.

As chapas deverão ser registradas em separado, sendo uma para a Diretoria, outra para o Conselho Fiscal e outra para a Representação no Conselho da Federação dos Trabalhadores das Industrias do Vestuário, contendo cada uma os candidatos efetivos e os suplentes.

Os requerimentos para os registros das chapas deverão ser apresentados na Secretaria em 3 vias, assinadas pelo candidato que encabeçar a Chapa para a Diretoria, devendo conter os requisitos previstos nos Estatutos desta Entidade e na legislação Sindical vigente, e ser instruídos com os documentos exigidos no Artigo 3.º da Portaria acima citada.

Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1961  
ADALTO RODRIGUES  
Presidente

## Portuários Conquistaram 40%, Abono de Natal e Férias em Dôbro

Um acordo concedendo aumento salarial de 40%, abono de Natal, férias em dobro, semana inglesa e outras vantagens aos 60 mil portuários regidos pela CLT foi assinado no último dia 7 pelo ministro da Viação, coronel Virgílio Távora e pelo líder sindical Felipe Ramos Rodrigues, secretário da Federação Nacional dos Portuários.

Embora tenham firmado o ajuste salarial, os 60 mil portuários, filiados a 16 sindicatos da classe, continuam mobilizados, em todo o País, aguardando o atendimento das reivindicações dos marítimos, estivadores e ferroviários, com os quais assinaram um pacto de ação comum, para a defesa dos interesses das respectivas categorias.

Os marítimos e os estivadores, conforme já noticiamos, decidiram aguardar até o dia 14 do corrente o atendimento das suas reivindicações. Os trabalhadores de várias ferrovias, que ainda não tiveram solucionado o problema do seu enquadramento profissional, também aguardarão até aquela data. A partir do dia 15, os membros do pacto de unidade e ação voltaram a se reunir, para deliberar sobre a data do movimento grevista, que será iniciado em todo o País, caso não se tenha encontrado uma solução para as reivindicações dos marítimos, ferroviários e estivadores.

Também é inaceitável a afirmação de que os comunistas dividem o movimento sindical ao querer «relevar» esse movimento à FSM. Na prática, Adalgisa Nery acusa os comunistas de levarem a política de «guerra fria» para os sindicatos. Mas, é notório que a FSM surgiu como fruto de um Congresso Sindical Mundial unitário, realizado em 1945, no qual participaram delegações representativas dos operários de quase todos os países, inclusive delegados do TUC da Inglaterra, do CIO e da FAL dos Estados Unidos. É notório, ainda, que em 1947, ao iniciar-se a política de «guerra fria», foram as entidades sindicais dos Estados Unidos e da Inglaterra que romperam a unidade alcançada em 45, desistindo-se da FSM para em conjunto organizar a já tristemente célebre CIOSL, que, por sua vez, se transformou numa agência anticomunista do Departamento de Estado. Também é sabido que pelegos carcomidos como Deocleciano, Campista, Palmigiani, Sindufol, etc., bafejados pela proteção governamental e à revelia dos sindicatos, apressaram-se e filiaram as organizações que dirigem à CIOSL e a ORIT. Como, pois, querer por traços de igualdade entre a CIOSL e a FSM? Ainda hoje, os Estatutos que regem a vida da FSM, são os mesmos aprovados em 1945 também pelos sindicatos ingleses e americanos. E a política da FSM sempre foi de não estendida para a CIOSL, que, reiteradamente, se nega a dar um passo sequer no sentido da unidade de ação em defesa dos interesses dos trabalhadores. Como se vê, cai por si só a insinuação de que a filiação do movimento sindical brasileiro à FSM importaria a transferência do Brasil num «satélite de qualquer das superpotências». Simultaneamente,

**Ajuda a NOVOS RUMOS**

Amigos de Deodoro — (Rio)	750,00
L. Calacanti — (Rio)	1.000,00
Três Rios — (Est. Rio)	740,00
Parabá do Sul — (Est. Rio)	150,00
Boa Vontade — (S. J. Meriti)	100,00
Funcionários do B. H. U. — (Rio)	720,00
Um amigo — (Rio)	50,00
Um bancário — (Rio)	1.000,00
Amigos de Icarai — (Niterói)	550,00
Leitores de V. Garcia — (R. G. Sul)	1.400,00
Dr. G. Andrade e Silva — (São Paulo)	1.000,00
Amigos de Nilópolis	150,00

o acordo salarial que foi firmado entre os representantes dos portuários e das autoridades estabelece o seguinte: 1) aumento de 40% sobre os salários em vigor em 31-10-61; 2) adicional por tempo de serviço de 5% depois de 5 anos, de 15% depois de 15 anos e de 25% depois de 25 anos; 3) salário família igual ao do funcionário público; 4) pagamento das férias em dobro;

## NACIONALISMO EM BARRA DO PIRAI

Sob o patrocínio da Frente Popular Nacionalista de Barra do Piraí, o deputado federal Adão Pereira Nunes e o professor Dalton Brechart pronunciaram conferências sobre o Projeto de Defesa dos Trabalhadores Agrícolas e Problemas Nacionalistas.

As conferências terão lugar na sede do Ideal Clube, no próximo domingo, dia 12, às 10 horas. Entrada franca.

## VII — A UNIDADE E A SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL ATIVAS ASSEGURAM A VITÓRIA DA CLASSE OPERÁRIA.

- 108. — O movimento sindical, em seu conjunto, fortaleceu-se no mundo. Se estivesse unido, alcançaria um grau de poderio mais elevado ainda. Como efeito, ali, onde existe a desunião sindical da classe operária, essa desunião leva água ao moinho dos monopólios capitalistas que, por isso mesmo, intrigam contra a unidade. A desunião lhes permite intensificar ainda mais a exploração, atacar as liberdades sindicais, levar a cabo uma perigosa política de corrida armamentista e de preparação da guerra, bem como obstaculizar a liquidação definitiva do colonialismo.
- 109. — Pelo contrário, cada vez que os trabalhadores lhes opõem uma frente de luta unida, sua coesão de classe e sua solidariedade internacional, os monopólios e os governos se vêem inevitavelmente obrigados a fazer concessões nos planos econômicos e políticos.
- 110. — Uma prova brilhante disso são os numerosos êxitos conseguidos pelas lutas reivindicatórias unitárias do último período. Em muitas ocasiões, estas lutas se transformaram em vastas ações políticas contra os governos burgueses, contra as forças imperialistas e sua política anti-popular.
- 111. — Segura de refletir as profundas aspirações dos trabalhadores, a FSM, suas organizações filiadas e suas Unções Internacionais Profissionais, prossegue com tenacidade sua política e suas iniciativas unitárias, tanto no plano nacional como no internacional.
- 112. — Avançou-se por este caminho. A unidade de ação marcou grandes progressos a partir do IV Congresso Sindical Mundial, entre trabalhadores e sindicatos de todas as filiações e nas empresas. Em numerosos casos, tais progressos se manifestaram em escala local, nacional e em todos os continentes. Na África e na América Latina, transcorrem em plano continental, sobre uma base anti-imperialista de correntes unitárias.
- 113. — No plano internacional, desenvolveu-se com êxito a ação comum e a cooperação amistosa entre a FSM, suas organizações filiadas e as organizações autônomas ou filiadas à CIOSL.
- Por outra parte, progrediu consideravelmente os intercâmbios de delegações, os contatos e as relações sindicais bilaterais e multilaterais, apesar das proibições da direção da CIOSL, entre organizações e dirigentes de diversas filiações internacionais.
- 114. — Todavia, apesar dos progressos realizados, subsistem ainda numerosos obstáculos, particularmente em escala internacional. Infelizmente ficam sem resposta numerosas questões feitas pela FSM junto à CIOSL e à CISC, com vistas à coordenação da ação sindical mundial. — pela paz, a liquidação do colonialismo e as reivindicações. É impossível não reconhecer que a atividade divisionista da direção da Confederação Internacional das Organizações Sindicais Livres ocasiona graves prejuízos aos interesses vitais dos trabalhadores. A obstinada negativa destes dirigentes sindicais em estabelecer, fortalecer os contatos, os vínculos, a cooperação e as ações comuns de todos os sindicatos, sobre os problemas mais atuais e vitais para os trabalhadores, frega a combatividade do movimento sindical e obviamente favorece o jogo dos monopólios capitalistas.
- 115. — Estas resistências e manobras que não podem ser superadas mediante a intervenção dos trabalhadores e, espe-

## Programa de Ação Sindical

- pecialmente, dos aderentes a estas organizações. Mas unicamente poderão fazê-lo se conhecerem as causas desta encarnizada oposição à unidade.
- Os mais importantes obstáculos para a realização da unidade provêm da política de divisão levada a cabo pela direção da CIOSL.
- Como não ver que quando participa no prosseguimento da «guerra fria», quando acumula obstáculos ao desenvolvimento plenamente eficaz das lutas reivindicatórias, quando aponta a política neocolonialista, a direção da CIOSL favorece objetivamente a realização dos fins essenciais dos monopólios e do imperialismo? Em nome da defesa do pretêso «mundo livre», ou seja, do capitalismo, sacrificam-se assim os mais evidentes interesses dos trabalhadores. A colaboração de classes, executada pela direção da CIOSL, está dirigida contra a unidade; é a origem da divisão operária.
- Aquêles que querem a defesa consequente dos interesses dos trabalhadores, que são os mesmos em todo o mundo, contra os exploradores, os monopólios e o imperialismo, sentem a necessidade da unidade e se esforçam para realizá-la.
- 116. — Os monopólios, que sabem quão poderosa é a arma da unidade dos trabalhadores contra sua política de exploração e de opressão, não poupam os meios e as manobras de todo o tipo para fomentar permanente a divisão. Tal política de divisão deve encontrar uma réplica pronta e adequada na unidade dos trabalhadores e de suas organizações sindicais.
- 117. — A realização e ampliação da unidade de ação, particularmente nos lugares de trabalho em escala nacional, assim como a intervenção das massas trabalhadoras em favor da unidade sindical internacional, serão decisivas para superar as dificuldades existentes. Nesse sentido, a ação das Unções Internacionais de Sindicatos (Departamentos Profissionais da FSM) se faz mais importante ainda. Sobre a base das experiências realizadas nestes anos de intenso trabalho unitário, esta ação se desenvolve em diferentes formas e diversas iniciativas para uma ampliação dos laços com os sindicatos profissionais de todos os países, independentemente de sua filiação e, sobre a base dos problemas comuns, fortalece o movimento unitário dos trabalhadores.
- 118. — Prosseguir sem trégua as iniciativas unitárias na ação e pela ação; denunciar com firmeza e de maneira demonstrativa e convincente aos adversários da unidade; por claro as razões e as consequências de sua atividade continuada sendo os dois imperativos inseparáveis para realçar a unidade nos planos nacional e internacional. Colocar sobre um mesmo pé de igualdade aos defensores da unidade e os adversários intrínsecos, que são responsáveis pelo prolongamento no seio do movimento sindical de uma cisão nociva aos interesses do conjunto dos trabalhadores, é prestar um mau serviço à causa da unidade e adotar uma posição errada, contrária aos fatos históricos.
- 119. — A Federação Sindical Mundial nasceu da unidade sindical em 1945, e a Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres nasceu da ação de 1959. A FSM será a considerando a reconstituição da unidade sindical internacional como um dos objetivos mais importantes. Refletir na consciência dos povos sobre a unidade. A CIOSL afirma sem cessar suas posições divisionistas.
- 120. — A FSM continua considerando que a unidade de ação internacional é sempre possível, sobre posições de classe e baseando-se nos problemas reivindicatórios fundamentais dos trabalhadores, nos da defesa e conquista dos direitos sindicais, do desarmamento e da paz, da luta antiimperialista e anticolonial. Nessas condições, a FSM, por sua parte, não levanta nenhum obstáculo, nem põe condições alguma preliminar aos encontros, contatos e ações comuns que não cessa de propor.
- 120. — A FSM não deixou de multiplicar as demonstrações de que sua atividade tenaz em favor da unidade não é de nenhuma maneira o reflexo de uma preocupação tática, senão aplicação de um princípio fundamental que responde aos interesses de todos os trabalhadores e de todos os sindicatos: desenvolver a unidade de ação dos trabalhadores do mundo e avançar pelo caminho da unidade do movimento sindical internacional.
- 121. — Ao desenvolver seus contatos amistosos e suas iniciativas unitárias na direção de outras organizações, a FSM respeita, com todo o escrúpulo, os princípios de cooperação sindical internacional, firmados pelo IV Congresso Sindical Mundial e que hoje vale recordar: — respeito mútuo e não intromissão nos assuntos sindicais nacionais ou no assunto das organizações de categorias profissionais; — procura de questões que possam unir os trabalhadores; — fixação dos objetivos e consignas comuns e eliminação voluntária dos pontos sobre os quais não existe acordo.
- 122. — Sobre esta base, a compreensão e o respeito sempre observado pela FSM em relação com os problemas de organização e as formas particulares de unidade nacional dos sindicatos de um ou outro continente não filiado, diferencia claramente sua política da de outras organizações sindicais internacionais.
- O caráter mundial da FSM é permanente. Consolidar este caráter é aliciar as bases e os princípios da unidade do movimento sindical internacional, no interesse de todos os trabalhadores.
- 123. — A nova situação internacional, assim como a luta quotidiana da classe operária, oferecem uma base real e sólida para marchar para diante. — O interesse vital comum de todos os trabalhadores por manter e fortalecer a paz, para fazer triunfar a coexistência pacífica e prevenir uma guerra termonuclear destrutiva, por obter o desarmamento geral e completo, salvaguardar a independência nacional e lutar contra o imperialismo, fazer cessar as sangrentas aventuras coloniais, e liquidar definitivamente o colonialismo; o interesse comum dos trabalhadores dos sindicatos por conquistar, defender as liberdades democráticas e os direitos sindicais, por melhorar as condições de vida e de trabalho, são razões necessárias e suficientes para conseguir a unidade.
- 124. — Para a realização destes objetivos contra o poder dos monopólios, a classe operária não está sozinha. Ela pode e deve reagrupar numa frente única as outras camadas da população, vítimas, por sua vez, da política retrograda do imperialismo, momentos em que novos setores do povo se incorporam ao justo combate pela paz e o progresso social, e

- uma tarefa fundamental a participação ativa dos sindicatos no reagrupamento de todas as forças populares, democráticas e antiimperialistas.
- 125. — Preparando-se para o V Congresso Sindical Mundial, todos os trabalhadores e todos os sindicatos devem multiplicar seus esforços para: — dar uma réplica esmagadora a todos que aspiram a continuar a guerra fria no movimento sindical internacional, aos que tentam aprofundar e eternizar sua cisão; — desenvolver e fortalecer os laços fraternais entre os sindicatos de todos os países, no espírito do internacionalismo proletário; — fazer mais ativa sua luta em favor dos interesses vitais dos trabalhadores sobre a base da unidade de ação; — fortalecer sem cessar a solidariedade internacional fraternal dos operários de todos os países; — ampliar a luta pela unidade do movimento sindical, em escalas internacional e nacional, em cada setor da indústria e em cada empresa.
- 126. — Desde sua criação, a FSM segue sendo fiel à causa de todos os trabalhadores do mundo, ao trazer sua contribuição decisiva à luta da classe operária e das massas populares contra a guerra, prestando seu apoio aos povos oprimidos que combatem pela independência nacional, a luta dos trabalhadores por suas reivindicações e a unidade sindical. Por tal ação, obteve e mereceu a confiança e o apoio dos trabalhadores do mundo.
- O V Congresso Sindical Mundial será uma nova e brilhante demonstração. Organizado pela FSM, pelas organizações membros e outras não filiadas a ela, o Congresso será um símbolo vivo de sua política de unidade e de agrupamento de todos os trabalhadores, por seus objetivos comuns de paz e de salvaguarda dos interesses da classe operária.
- 127. — O V Congresso Sindical Mundial contribuirá para o fortalecimento da unidade sindical internacional. Estará amplamente aberto a todos os trabalhadores e sindicatos, quaisquer que sejam suas tendências. O Congresso discutirá as questões mais importantes, que preocupam profundamente a todos os trabalhadores nos países socialistas e capitalistas, coloniais e dependentes.
- Esta Assembléia, ampla e representativa, expressará as esperanças e aspirações de todos os trabalhadores, sua inquebrantável vontade de lutar por uma vida melhor e determinará os meios desta luta e o caminho a seguir.
- 128. — Ao convocar o V Congresso Sindical Mundial, a FSM lança um vibrante apelo: — Trabalhadores de todos os países, militantes de todas as organizações sindicais! Vocês representam uma força imensa e irresistível desde que estejam solidamente unidos, desde que formam uma frente comum de luta por seus interesses vitais, pela democracia e o progresso social, pela causa da paz mundial.
- A libertação das cadeias de exploração, a conquista de suas reivindicações vitais exigem insistentemente a união de todos os esforços da classe operária, o restabelecimento e a consolidação possível de sua unidade de ação.
- Trabalhadores! Lutem firmemente pela unidade, desmascarem as manobras dos monopólios capitalistas e de seus agentes, que semeiam a divisão em suas fileiras. Põem em comum todas suas forças para conquistar o bem-estar, a liberdade e a paz sobre a Terra, para abrir à humanidade um porvir de prosperidade.
- Proletários de todos os países, unam-se!



# 32 MILHÕES DE DÓLARES E O PRÊÇO DO NÔVO GOLPE

## SAÍDA PACÍFICA E LUTA DE MASSAS

Giocondo Dias

O general Oromar Osório — um dos mais respeitáveis chefes de nossas forças armadas — tornou definitivamente claro o verdadeiro objetivo da recente viagem de Carlos Lacerda aos Estados Unidos: o agitado civil do golpe foi aos EUA a fim de buscar os recursos financeiros para sustentar a conspiração entrelaçada em nosso país e, mais

concretamente, para armar a nova baderna, que o próprio chefe do C. de Lacerda havia prometido desencadear até dezembro. Trinta e dois milhões de dólares — eis quanto trouxe Lacerda, entregues pelos seus patrões lanques. A denúncia do general Oromar Osório não surpreende aqueles que conhecem Lacerda e seus parceiros

golpistas e sabem que o seu ódio ao povo, o seu anticomunismo furioso, os seus ataques históricos a Cuba e as suas maquinacões antidemocráticas foram sempre financiados pelos imperialistas norte-americanos, o cujo serviço jamais deixaram de estar. Lacerda, na verdade, não passa de um agente norte-americano no Brasil, um mercenário pago

pelo Departamento de Estado para apunhalar o nosso povo pelas costas, um traidor da pátria. A serviço das tristes lanques é que ele e seus associados levaram Getúlio Vargas ao suicídio. A serviço dos mesmos interesses estrangeiros é que ele e seus companheiros deram o último golpe e articulam a sua repetição.

Essas verdades, para os quais sempre chamamos a atenção do povo brasileiro, acabam de ser confirmadas, em termos arrasadores, por um dos mais responsáveis chefes de nosso Exército, o general Oromar Osório.

Na luta pela aplicação de nossa linha política reveste grande importância a questão dos métodos a serem utilizados para a conquista do Poder, particularmente no que se refere à correlação entre a luta armada e as formas pacíficas de luta. Nesse sentido é necessário combater resolutamente as atitudes de expectativa, de passividade — provenientes do unilateralismo e do fatalismo em face das possibilidades que a saída pacífica, quer da saída violenta. Em nossa última Resolução foi ressaltado que a conquista dos objetivos que nos propomos dependem, no fundamental, da ampla utilização das formas legais de luta e de uma vasta ação das massas dirigida pela parte consciente da classe operária. Daí a crítica às incompreensões que existem a respeito da forma pacífica de luta pela revolução. A primeira incompreensão consiste em absolutizar a possibilidade da saída pacífica, isto é, em excluir a possibilidade de uma saída não pacífica da revolução brasileira. A segunda incompreensão se manifesta em conceber o caminho pacífico como um processo idílico, sem choques e conflitos sociais e que, por tal motivo, não devem ser aguçadas as contradições de classe e aprofundada a luta contra o inimigo.

O problema da possibilidade da revolução processar-se pacificamente ou não é, portanto, de fundamental importância para que o Partido possa desempenhar com êxito a sua missão de vanguarda.

Inicialmente, devemos levar em conta que os marxistas jamais viram nem vencer a luta armada um fim, mas um meio, empregado não em virtude de seus desejos e sim por força de circunstâncias criadas pelo inimigo de classe. Os comunistas não são partidários de apelar para a luta armada de modo absoluto, sempre e em todas as partes. Marx disse de maneira figurada, que a violência é a parteira da história. Mas a violência não exerce essa função porque as classes revolucionárias queiram utilizá-la forçosamente, mas porque as classes caducas a empregam para defender as suas riquezas e os seus privilégios. Os clássicos do marxismo, ao contrário, afirmaram reiteradas vezes que o proletariado preferiria tomar o Poder pacificamente. A classe operária tem interesses em que a revolução se processe pelo caminho pacífico, pois desse modo se reduzirá o número de vítimas e se evitará a destruição de forças produtivas, consequência inevitável de toda guerra civil.

Nem a guerra civil de 1918-1920 na Rússia soviética nem a de 1946-1949 na China foram desencadeadas por iniciativa dos operários e camponeses, mas pelos capitalistas e latifundiários. Na verdade, o emprego da luta armada pela classe operária não depende dos seus desejos e sim do grau de resistência dos exploradores, que são os primeiros a recorrer às armas, como se comprova em todos os exemplos da história. Num comício realizado em Amsterdã, em 1872, dizia Marx, referindo-se à conquista do Poder, que os comunistas nunca haviam afirmado que esse objetivo devia ser alcançado por meios idênticos em todos os países. O proletariado — esclarecido — não pode deixar de levar em conta as instituições, os costumes e as tradições dos diversos países.

As condições e os métodos de luta para a conquista do Poder podem ser distintos também em épocas diversas e em diferentes condições internacionais. Na Rússia, por exemplo, depois da Revolução de Fevereiro até as jornadas de julho de 1917, existia a possibilidade efetiva de passagem pacífica do Poder para as mãos dos Soviéticos. Essa possibilidade, inexistente antes da derrubada do tsarismo, desapareceu por sua vez depois das jornadas de julho de 1917, quando se acabou a dualidade de poderes e o Governo Provisório burguês estabeleceu o seu Poder único, voltando a surgir em setembro, com o esmagamento da Intentona de Kornilov, mas logo se extinguindo em virtude do apoio dado pelos menchevistas e esseristas à contra-revolução.

Que devemos entender por passagem pacífica do Poder e em que condições pode verificar-se o curso pacífico da revolução? Pode parecer que a passagem pacífica do Poder é a que se efetua sem revolução. Mas isso é falso. A conquista do Poder é sempre uma revolução, quer se processe pacificamente ou por meio de luta armada. Seria falso também imaginar-se que a passagem pacífica do Poder para as mãos da classe operária e seus aliados exclui a luta de classes. Não, sem luta de classes e, por conseguinte, sem vencer a resistência dos inimigos não se podem realizar as transformações revolucionárias pelas quais se bate o proletariado. A tomada do Poder

pacificamente somente exclui a insurreição armada e a guerra civil.

Conforme ensinam os clássicos do marxismo, são necessárias determinadas condições para que a revolução possa desenvolver-se pacificamente. Em primeiro lugar, a saída pacífica e possível quando não existe uma forte máquina estatal e burocrático-militar. Em segundo lugar, quando a maioria da classe operária se une em torno de seu partido e, sob a sua direção, luta para levar à prática um programa revolucionário que, pela sua justiça e pela capacidade de aglutinar as grandes massas do povo. Em terceiro lugar, quando as forças da revolução, principalmente a classe operária, estão organizadas com solidez e conquistaram direitos democráticos mais ou menos amplos. Por fim, quando as classes dominantes não recorrem à violência armada.

As possibilidades de um desenvolvimento pacífico da revolução podem aumentar ou diminuir de acordo com as mudanças que se operam nas condições históricas, na correlação das forças de classe. Tais possibilidades se criam quando a superioridade da classe operária e de seus aliados é tão evidente que pode obrigar as classes dominantes a submeter-se a uma submissão de vontade do povo.

Em nossa época, ampliaram-se consideravelmente as possibilidades de serem utilizados os meios pacíficos na luta pelo Poder. Isso se deve, sobretudo, às seguintes causas: a) o fortalecimento das posições do socialismo na arena mundial, o que facilita a emancipação dos povos; b) o debilitamento das posições do capitalismo e o reforçamento da situação da classe operária; c) a aproximação entre as transformações democráticas e as transformações de caráter socialista, o que permite à classe operária unir em torno de si camadas da população mais extensas do que antes.

No que refere à utilização do Parlamento como instrumento para resolver as tarefas revolucionárias, é necessário levar em conta a sua composição, assim como saber combinar a luta parlamentar com um vigoroso movimento de massas, com a luta extra-parlamentar. O Parlamento pode, em certas circunstâncias, converter-se em elemento de realização das transformações revolucionárias. Condição indispensável para isso é a existência de um poderoso movimento extra-parlamentar de massas, dirigido pelo Partido, um amplo desenvolvimento da luta de classe dos operários e camponeses e a unidade combativa de todas as forças da frente única contra o imperialismo e o latifundismo.

Os fatos da história e os ensinamentos que nos legaram Marx e Lênin indicam que, pacificamente ou não, para que a revolução se realize, o Partido não pode nem deve subestimar o trabalho eleitoral e a luta pelas reivindicações imediatas da classe operária e de todos os trabalhadores, ao mesmo tempo em que não pode nem deve converter-se numa simples máquina de contar votos ou num simples condutor ou executor de lutas econômicas, bem como não pode nem deve reduzir-se a uma seta ou um grupo de conspiradores, divorciados dos anseios e reivindicações das massas, esperando passivamente pela "hora". Nosso Partido deve saber aproveitar todas as oportunidades para, na base de um trabalho paciente e perseverante, educar as massas e, na luta por um programa claro, certo, claro e exequível, acumular sempre novos e novos êxitos e alterar a correlação das forças em presença, tendo por objetivo modificar a ordem social do sentido da revolução.

Essa tese, a adheção da linha do Partido que não nos fiquemos idilicamente esperando pela saída pacífica nem, naturalmente, na expectativa de uma solução violenta, mas que lutemos e procuremos vencer, pela força da ação das massas organizadas e pela habilidade política, todos os obstáculos que dificultem a vitória da revolução. A luta pela imediata efetivação das chamadas reformas de base, o combate ao seriamento do imperialismo, o fortalecimento e a sustentação política, econômica, cultural em torno da classe operária e seus aliados milhões de trabalhadores e de patriotas e democratas de outras classes numa poderosa frente revolucionária, anti-imperialista e antifascista. Quanto mais forte, mais coesa e mais combativa for essa frente e quanto mais êxitos alcançarmos em sua luta, maiores serão as possibilidades de impulsionar em nosso país a saída pacífica da revolução brasileira. Mas isso — a honra de lutar — não exclui a luta de classes de hoje e de amanhã, a luta de todos os momentos da nossa vida, por que a revolução não é pacífica e por que a revolução pacífica, quando se dá, não é pacífica.

## MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO ABREM LUTA CONTRA OS TRUSTES DA ENERGIA ELÉTRICA: ASSEMBLÉIA E CÂMARAS LIDERAM CAMPANHA

Avoluma-se no Estado de S. Paulo, desde a capital, até as cidades mais importantes do interior, a luta patriótica e progressista de vastos setores da população, através dos seus órgãos legislativos e executivos, contra um dos principais obstáculos ao desenvolvimento industrial, particularmente do "hinterland" paulista: os trustes estrangeiros da energia elétrica, que aqui operam — Bond and Share, Light e empresas subsidiárias.

Sabe-se que o governo do Estado sofreu, recentemente, uma séria derrota na Assembleia Legislativa, quando os deputados, expressando as necessidades dos municípios que representam, aprovaram o projeto de lei 743/60, de autoria do deputado Magalhães Prado, dispoendo sobre a concessão, em caráter de prioridade, da distribuição de energia elétrica produzida pelo Estado, às autarquias municipais e às empresas nacionais.

O aspecto mais significativo do fato foi a derrota do professor Carvalho Pinto, que viu rejeitado seu voto ao projeto, numa situação em que a máquina governamental não pode funcionar dentro da Assembleia. Isto demonstra que as necessidades de expansão industrial dos municípios interessados no assunto foram mais fortes do que as manobras de cúpula, levadas a efeito por setores interessados no prosseguimento de uma política de proteção aos referidos trustes, através das ações leivas ao interesse público, praticadas pelo governo estadual.

através da Cia. Paulista de Força e Luz, seja liquidada no município. Nesse sentido, foi apresentado um projeto, de autoria do vereador Osvaldo Galvão de França, da UDN local, determinado "a encampação ou desapropriação, por via amigável ou judicial, e pelo critério do custo histórico, dos bens e instalações vinculados aos serviços de energia elétrica no município de Jau, explorados pela Cia. Paulista de Força e Luz.

Essas verdades, para os quais sempre chamamos a atenção do povo brasileiro, acabam de ser confirmadas, em termos arrasadores, por um dos mais responsáveis chefes de nosso Exército, o general Oromar Osório.

É mais uma prova — e mais grave que se poderia conceber — do caráter antinacional das atividades desenvolvidas por Lacerda e seus cúmplices, os golpistas de 1954, 1955 e 1961. É também uma advertência, de extrema seriedade, quanto à ameaça de novas tentativas golpistas. Ninguém desconhece, com efeito, que Lacerda e seus parceiros estão conspirando febrilmente. O próprio presidente da

Há pouco, depois de insultar a forma mais grosseira o presidente da República, Carlos Lacerda ameaçava abertamente, afirmando que "até dezembro" seria de ser resolvido o dilema "democracia ou comunismo".

A pretexto de "estimular" com a sua presença em Miami os contra-revolucionários cubanos, Lacerda foi aos Estados Unidos buscar pessoalmente o dinheiro para o golpe — 32 milhões de dólares. Al ali o Judo de corpo inteiro, trazendo no bolso, de seus patrões lanques, os trinta milhões com que pretende vender o Brasil.

## VELHA GANTILENA: «NÃO HÁ PETRÓLEO NO BRASIL...»

# Conselho de Ministros Adotou Teses de Link

### TELEGRAMA DE DEPUTADOS

Ao mesmo tempo em que o fato repercutiu em todas as cidades, surgem outros episódios que dão a esse movimento um cunho abertamente antilimperialista, somando forças consideráveis da população, desde os trabalhadores até os industriais. Assembleias de operários, ao mesmo tempo em que reclamam a contenção da carestia, adotam posição de combate aos referidos monopólios, reclamando do governo federal a encampação dos mesmos, por considerá-los uma das causas que determinam a alta permanente do custo de vida. E ainda na Assembleia Legislativa, 62 deputados, dos mais diversos partidos, subscreveram um telegrama, enviado ao ministro Gabriel Passos, reclamando contra as elevadas taxas de aumento nos preços da energia elétrica e solicitando seja feito o tombamento dos bens das empresas de eletricidade, principalmente da Light e da Bond and Share.

### CÂMARA DE JAU

A Câmara Municipal de Jau, por outro lado, baseada na Lei Magalhães Prado, está adotando medidas práticas para que a exploração da Bond and Share,

do Recôncavo não são ainda conhecidas e estão longe de se poderem considerar esgotadas.

### APESAR DE TUDO... AUMENTA

Com quem estará a razão? Com Link, ou com esses brasileiros? Somente novas pesquisas, em escala muito maior do que as que vêm sendo feitas, poderão responder à pergunta. Entretanto, há fatos que vêm em apoio da posição dos brasileiros, contra a tese derrotista de Link. Um deles é o poço de Mapele, que incendiou no momento em que era descoberto há três meses e que, ao que tudo indica, revelou um novo campo petrolífero na Bahia, talvez o melhor dentre todos os já descobertos no Recôncavo. Por motivos técnicos, há cerca de três meses o poço de Mapele está em chamas, demonstrando uma potencialidade insuspeitada. Prevê-se que o incêndio estará debelado em mais três ou quatro meses.

Mas, não é só. Apesar das previsões derrotistas, o fato concreto e que a produção do Recôncavo vem aumentando de ano para ano. De janeiro a setembro deste ano, foram extraídos na Bahia mais de 26 milhões de barris de petróleo, quase tanto quanto foi extraído no transcurso de todo o ano passado. O aumento verificado este ano é da ordem de mais de 20%, cerca de três vezes maior do que o aumento percentual anual do consumo de derivados de petróleo no país.

Por que, então, limitar em 100 mil barris a produção do Recôncavo, quando perspectivas excelentes se oferecem?

### LINK CONTESTADO

Em face do clamor patriótico contra o relatório de Link, a atual administração da Petrobrás mandou que o mesmo fosse submetido a um reexame por parte de técnicos da empresa. Não obstante o fato de que sob muitos aspectos as concepções geológicas dos técnicos brasileiros assemelham-se às de Link — seguem todos a escola norte-americana —, as conclusões do antigo geólogo da ESSO foram refutadas em vários pontos, como no referente às possibilidades da Encia do Maranhão — zona de Barreirinhas — e do litoral de Alagoas. Contrariando a opinião de Link, consideram os referidos técnicos da Petrobrás, que há fortes possibilidades de existência de petróleo nas duas áreas mencionadas e, portanto, a empresa estatal não deve abandonar suas pesquisas ali.

As conclusões a que chegaram os nossos geólogos vêm confirmar por inteiro a procedência daquilo que vimos reclamando de há muito — desde que se tornou conhecido o relatório Link. Tendo em vista o caráter problemático dos es-

ludos geológicos, onde, ao lado de dados objetivos, exige-se muito de interpretação, com forte dose, portanto, de subjetivismo, somente é possível descartar a possibilidade da existência de petróleo em tal ou qual área depois de esgotados todos os conhecimentos e opiniões a partir dos dados colhidos. Mesmo admitindo que Link tivesse agido de boa fé — ainda que contrariando toda a atuação de sabotagem dos trustes do petróleo no Brasil —, o simples bom senso aconselharia a que o material já recolhido pela Petrobrás nos diversos pontos do território brasileiro fosse submetido à interpretação de técnicos formados por outras escolas geológicas, tanto da Europa Ocidental como da Europa Oriental.

### O «CONSELHO» DE LINK

Era isto o que deveria figurar no programa do Conselho de Ministros, ao invés da aceitação do "conselho" de Link, mediante a indicação no sentido de que o Brasil inicie "atividades internacionais em matéria de exploração de concessões petrolíferas, através da associação da Petrobrás com outras companhias nacionais e estrangeiras, ou por intermédio de empresas brasileiras privadas, mediante condições a serem previamente estabelecidas".

Além da incoerência política que representa a defesa do monopólio estatal internamente e externamente a exploração das riquezas petrolíferas de outros povos — fórmula já rejeitada pelos nacionalistas brasileiros —, além da ameaça à Petrobrás implícita em tal proposta, há ainda outro ponto: se as perspectivas de produção, nos próximos anos, são acatárias, dependendo do sucesso das pesquisas — como se afirma no programa — por que ir correr esse risco fora do Brasil e não aqui mesmo, dentro do país? As despesas são certamente menores e as vantagens — em caso de sucesso — incomparáveis. Os primeiros insucessos já confirmados na Bolívia mostram que a coisa não era tão boa como se dizia há dois anos.

Pensamos, como o ministro cubano Regino Boti — economista amplamente conhecido na América Latina — que o difícil não é provar que existe petróleo; o difícil é provar que não existe. Se o governo se disuser, realmente, a afastar a influência e a sabotagem dos trustes petrolíferos (cuja petulância ainda agora acaba de ser ressaltada pelo ex-ministro João Agripino), e se lançar com determinação na pesquisa de petróleo no Brasil, dentro de poucos anos poderemos dispor de ouro negro para o nosso completo abastecimento e para socorrer países que então, como hoje sucede conosco, ainda se acham sob o guante das ESSO, Shell e companhia.

## SANTOS: LANÇADA A CAMPANHA PELO REGISTRO DO PCB

Como vem ocorrendo em diversas de municípios paulistas, também em Santos foi lançada solenemente a Campanha pela Coleta de Assinaturas em favor do registro do Partido Comunista Brasileiro.

Sábado à noite, no auditório do Rádio Clube de Santos, reuniram-se centenas de pessoas que ouviram os vários oradores que hipotecaram seu apoio à causa democrática, explicando o seu significado para as lutas do povo brasileiro.

Estavam presentes o vereador do PTB, sr. Antônio Rodrigues, deputado estadual do PTB, sr. Luciano Lepora, representante a Comissão Paulista Patrocinadora da Coleta de Assinaturas, o dirigente comunista de Santos, Arlindo Alves Lucena, o advogado Frederico José Afonso, os dirigentes sindicais Orlando Spósito, grifista, e Apolônio Lourenço e Sérgio Martins, porteiros e outras personalidades.

## Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Discursando em São Borja, disse o presidente da República, entre outras coisas, que precisamos mudar a estrutura econômica e social do País. Acrescentou que o regime muncimbrá se o povo for arrasado para uma total desilusão. Estas palavras podem sofrer interpretações máfvolas, por parte dos adversários do sr. João Goulart. Se com o povo «totalmente desiludido» pode o regime muncimbrá, que se deve fazer? Manter o povo parcialmente iludido? Ou então: constituir perigo mortal para o regime o fato do povo desiludir-se totalmente de algum logro?

Aludindo aos milhões de eleitores que sufragaram seu nome, o sr. João Goulart manifestou o desejo de ser honesto para com essas pessoas. E ao mesmo tempo observou que esses milhões de brasileiros «não pretendem romper o dique das injustiças pelo emprego da violência», pois desejam tão-somente «se fazerem entender pelo bom-senso».

Sem dúvida o sr. João Goulart não pretende ludir parcialmente o povo quando afirma, no mesmo discurso: «Não devemos continuar divididos entre uma pequena minoria que goza das maiores oportunidades e de outro lado a maioria do povo a clamar por melhores condições de vida». Com essas palavras o presidente da República descreveu a situação: de um lado, a minoria de privilegiados; do outro lado a maioria a reclamar melhores condições de vida.

O sr. Goulart mencionou uma situação concreta, material. Disse, porém, seguir-se, por termos, de fato, contrários às ideologias materialistas, estranhas à nossa concepção de vida e indiferente aos sentimentos cristãos do nosso povo, é que nos preocupamos com a situação social.

Ora, o que há de pernicioso não é que alguns adotem uma ideologia materialista e outros não. Raim é deixar-se o País objetiva e materialmente atolado em situação insuperável, devido à exploração dos privilegiados, às custas dos que trabalham.

O problema agudo não é o conflito ideológico. Quando os operários de uma fábrica vão à greve por aumento, lutam juntos materialistas e cristãos. O patrão ambicioso também explora o empregado indiferentemente, sem discriminação, seja ou não seja esse empregado materialista. E mau tentar dividir as forças populares com a fronteira dos preconceitos. Essa divisão serve aos inimigos da democracia, prejudicando a luta por um sistema de vida melhor. Para melhorarmos de vida é preciso que o povo não continue a ser iludido, total ou parcialmente, é preciso que os governantes percam o medo do povo, não façam tantas concessões à direita e deixem de difundir histórias farisáticas dos industriais do anticomunismo, agora sussurradas pela falsa santidade dos que há tantos séculos se apuram como pilho de tubarão a potentados responsáveis pela exploração do homem pelo homem.

## Nota Econômica

Josué Almeida

## Expansão do comércio exterior do Brasil (II)

Como país exportador de produtos primários, mas que também aspira a tornar-se exportador de bens manufaturados, o Brasil tem hoje diante de si cinco grandes áreas mundiais: os Estados Unidos, a Europa Ocidental, os países socialistas, os países africanos e a própria América Latina. Dentre as cinco, as duas primeiras — os Estados Unidos e a Europa Ocidental — são aquelas que absorvem a maior parte das exportações brasileiras e também das quais provém a maior parte das nossas importações. Assim tem sido. Mas, que tendências se apresentam para o futuro?

No que se refere aos países afro-asiáticos, dada a semelhança de suas economias com a nossa própria — o que se refere à produção de produtos primários — ainda transcorrerá bastante tempo antes que possamos ter ali um dos apoios básicos para o comércio exterior brasileiro. Se é certo que o Brasil poderá fornecer artigos industriais e bens de capital (sendo, evidentemente, que alcancemos êxito na prova de concorrência internacional com os tradicionais fabricantes desses artigos, os países industrializados), a verdade é que a contrapartida das importações encontra uma obstáculo a remover na mencionada semelhança das nossas economias. Anão disso, não se pode perder de vista um outro aspecto do problema, quando se fala de exportação de produtos industriais: o que temos conseguinte é, principalmente, a exportação de artigos produzidos em empresas estrangeiras sediadas no Brasil (indústrias automobilísticas, farmacêuticas, etc.). Quanto à América Latina, apresentando em certas regiões a mesma dificuldade apontada para os afro-asiáticos, tem, também, na pobreza geral da área, um obstáculo imediato à expansão do nosso comércio exterior na escala e com a urgência geralmente reconhecidas.

O exame do balanço comercial do Brasil com os Estados Unidos, nos últimos anos, revela elevados saldos a nosso favor. Esses

salvos não são, certamente, uma casualidade, nem resultam de negligência das exportações brasileiras. Devem-se a que os investimentos norte-americanos no Brasil, em escala crescente, reclamam também uma quantidade crescente de dólares, para as remessas de lucros, pagamento de juros, amortização, royalties, etc. Assim, os saldos favoráveis são ilusórios; desaparecem quando se considera o balanço de pagamentos com os Estados Unidos, transformando-se então em déficits cobertos mediante empréstimos que são como grilhões, para nós. As exportações brasileiras, são, de fato, a única moeda de que dispomos para pagar as vitais importações de matérias-primas, semi-elaboradas, etc., de que necessitamos. Assim, ao Brasil não pode interessar nem 1) importar mercadorias desse ou daquele país, sem para lá exportar as nossas mercadorias que irão pagar as importações; nem 2) exportar para os Estados Unidos (é praticamente o único caso) sem de lá receber as mercadorias de que necessitamos. Em outras palavras: ao Brasil só interessa uma balança comercial equilibrada e em expansão. A realidade do comércio brasileiro-americano nos últimos anos (bem como a sua tendência num futuro imediato) exclui a possibilidade da expansão das nossas vendas nos Estados Unidos na escala necessária e em termos de equilíbrio no intercâmbio de mercadorias. Esta afirmação pode ser fundamentada por numerosos exemplos, dos quais a diminuição relativa (e às vezes absoluta) das importações de café brasileiro pelos Estados Unidos é apenas um. Assim, o máximo que se poderá esperar nessa área é um crescimento lento do comércio, acompanhando a expansão igualmente lenta (0,6% de aumento médio da renda per-capita norte-americana nos últimos sete anos) de sua riqueza interna.

Resta, então, examinar as possibilidades existentes nas outras duas áreas — a Europa Ocidental e os países socialistas. Prometemos fazê-lo no próximo número.



# D. Vicente Scherer, os Operários e os Comunistas

Eloy Martins da Silva

Não nos seus programas pela Rádio Difusora de Porto Alegre, D. Vicente Scherer afirmou: "Defendemos os direitos dos assalariados e a urgência de reformas de base e de estruturas com mais veemência e calor que os comunistas."

Isso quer dizer que o Arcebispo Metropolitano reconhece que nós, comunistas, defendemos com calor e veemência os assalariados e a urgência de reformas de base. Estamos, até aí, perfeitamente de acordo. Mas, será que o alto clero luta nesse mesmo sentido com mais calor e veemência do que nós?

As coisas não são assim. A divergência e a distinção falamos de propósito, em alto clero. Porque não podemos confundir loucos os padres com o alto clero. O muito menos ainda a grande massa de católicos que o clero. Os trabalhadores católicos lutam integramente no lado dos trabalhadores comunistas. No Sindicato na fábrica, nas fazendas, na praça pública, encontramos-nos sempre a sintonia com o mesmo calor e a mesma veemência, na defesa de nossas reivindicações.

Mas será também essa a posição do alto clero? Pelo menos até agora não tem sido. Mesmo porque, com todo respeito devemos dizer:

Se fosse verdade o que diz D. Vicente, então a Igreja mereceria, sob esse aspecto, um atestado de absoluta incapacidade. Porque já existe há quase dois mil anos, assistiu ao nascimento do capitalismo e até hoje a exploração do homem pelo homem continua. É verdade que essa exploração foi liquidada em alguns países. Já não se faz mais sentir sobre a terra parte da humanidade. Mas isso aconteceu exatamente nos países onde os comunistas foram vitoriosos. Note-se que o Manifesto do Partido Comunista, de Marx e Engels, é de 1848. Que conclusão de vemos então tirar? Que os comunistas conseguiram, em menos de duzentos anos, o que a Igreja não conseguiu em quase dois mil? Quem, pois, estaria lutando com mais calor e veemência pelos direitos dos assalariados?

Eu creio que as coisas não podem ser colocadas neste terreno. A verdade verdadeira é que o alto clero, quando se trata de luta entre os operários e os patrões, ou fica neutro ou toma posição contra os operários. É o estorço, que muitas vezes faz de dividir os trabalhadores levantando a bandeira do anticomunismo, até dentro dos Sindicatos, o que pode ter como consequência o enfraquecimento dos trabalhadores, a quebra da sua unidade — que é a sua força — e, consequentemente, só pode beneficiar aos inimigos dos trabalhadores.

Mas o Partido Comunista nasceu da própria necessidade do proletariado de ter um instrumento na defesa de seus interesses de classe, não somente na luta por melhores condições de vida e de trabalho, mas também na luta pelo poder político, a luta por desalojar do poder as classes reacionárias e exploradoras e construir um regime que termine com esta situação desumana, em que a maioria que trabalha passa fome e não tem direito a nada, enquanto uma minoria vive na maior fartura, usufruindo de todos os direitos, esbanjando fortunas.

Na luta em defesa da classe operária, os comunistas não só têm enfrentado as forças reacionárias, os carceres e massorras, como têm dado a própria vida. Os exemplos são, também em nosso Estado, numerosos.

Em 1933, tombava, varado pelas balas assassinas da reação, o jovem médico, de 27 anos, Mario Couto, Secretário do PCB, no Rio Grande do Sul. Seu grande "crime" era estar ajudando os trabalhadores da Companhia Carris Portolegrense a elaborar sua tabela de aumento de salários.

Mas não se trata apenas de exemplos de dedicação individual. A defesa da classe operária, sua emancipação social são a razão de ser do Partido Comunista. Age no mesmo sentido o alto clero?

A vida mostra que não. A história dos "padres operários" é bem recente. Depois do término da 2ª. guerra mundial, com a derrota do nazifascismo, as lutas operárias na França atingiram a um nível bastante alto. Os trabalhadores franceses conquistaram grandes vitórias. Foi a de incentivar e ajudar para novas vitórias.

Em 1959, o Papa João XXIII termina com a expectativa. As razões do decreto-papal foram as seguintes: "O trabalho na fábrica, ou mesmo em empresas menos importantes, expõe pouco a pouco o sacerdote à influência do meio. O "padre no trabalho" não está apenas mergulhado em ambiente materialista. É também levado, contra sua própria vontade, a pensar como seus companheiros de trabalho quanto às questões sindicais e sociais, e a participar da luta por seus reivindicados: a luta de classes, o

mas não se admite a um sacerdote". É preciso dizer mais alguma coisa? Não houve, no caso, apenas o fracasso de uma experiência reacionária. O tiro saiu pela culatra. Mais ainda do que isso, a decisão de retirar os padres do trabalho ao lado dos operários constituiu uma definição. Foi para impedir que eles pensassem "como seus companheiros de trabalho" quanto às questões sindicais e sociais" e a participar da luta de classes, o que não se admite a um sacerdote".

E D. Vicente Scherer afirma que defende os direitos dos assalariados com mais calor e veemência do que os comunistas.

## OS CONDENADOS DE NURENBERG DIRIGEM OS DESTINOS DE BONA

(Artigo publicado no jornal "Der Morgen", órgão do Partido Liberal-democrático da República Democrática Alemã).

A 16 de outubro de 1946 foram julgados, no edifício anexo ao Palácio da Justiça de Nuremberg, na presença de 13 testemunhas e de acordo com as sentenças de morte proferidas a 1º de outubro pelo Tribunal Militar Internacional, os principais responsáveis pela barbárie nazista e pelos assassinatos em massa. Foram enforcados: o ministro de Negócios Exteriores do Reich Joachim von Ribbentrop, o chefe do comando supremo do exército nazista Wilhelm Keitel, o governador-geral dos exterritórios poloneses ocupados pelos fascistas Hans Frank, o ministro do Interior do Reich Wilhelm Frick, o

dos Congressos do Partido Nazista expiraram os mais íntimos confidentes de Hitler, notadamente o império do milênio na força. Como em 1918, quando desapareceu o Imperador, sobreviveu, não obstante o Acordo de Potsdam, os militaristas, os monopólios e destacados funcionários e cabeças das organizações nazistas, as quais, sem praticamente ser molestadas, dedicaram-se, na Alemanha Ocidental, a preparar, com o apoio das potências ocidentais, uma nova subida ao Poder.

**NITICHENKO NÃO CONCORDOU**

Ja ao ser proferida a sentença no 1º de outubro de 1946, o representante soviético no Tribunal Militar, major-general de Justiça I. T. Nitichenko, declarou não concordar com várias resoluções. Protestou, por exemplo, contra a absolvição, apesar das provas irrefutáveis de sua culpabilidade, de Franz Papen, embaixador nazista e bagageiro de Hitler ao subir este ao Poder, e o Dr. Hjalmar Schacht, presidente do Banco do Reich, responsável pelo financiamento da guerra e primeiro porta-voz dos capitães da indústria, que se bateu pela designação de Hitler.

Favoráveis por sua ativa política do Leste, as potências ocidentais estavam interessadas em manter de pé as principais forças do militarismo alemão, restabelecer seu Poder na Alemanha Ocidental e sacrificar novamente aqueles criminosos nazistas cujos nomes, nos olhos do mundo simbolizavam a barbárie fascista, respaldando seus colaboradores e lacaios mais importantes.

**FLICK EMBOLSOU BILHÕES**

Na sentença do Tribunal Militar de Nuremberg se levantava-se:

As provas mostram que Sauckel foi o responsável por um programa que representava a deportação de mais de 2 milhões de homens para trabalhos forçados, nos quais muitos deles padeceram horribes crueldades e sofrimentos.

Dezenas de milhares destes operários forçados estrangeiros foram obrigados a trabalhar para os consórcios de Friedrich Flick, onde, com o consentimento da direção, foram liquidados quando se tornaram esgotados e incapazes para o trabalho. A dívida desse consórcio chegou a um bilhão de marcos. Em quanto as empresas de Flick na zona ocupada pelas forças soviéticas depois de 1945 foram expropriadas, as que se localizavam na Alemanha Ocidental, sob o regime de

Adenauer, voltaram a funcionar no bom negócio do lucramento. Assim, por exemplo, a firma Daimler-Benz, controlada pelo referido consórcio, forneceu agora ao exército de Bona 13.300 veículos de todos os tipos, 15 mil caminhões e outros veículos militares especiais. Em 1959 a firma Daimler-Benz havia alcançado um lucro de 533 milhões de marcos, do qual coube a Flick a parte do lucro. Este aproveitador da guerra controla hoje um capital de 600 milhões de marcos.

**"OS SS SÃO GENTE HONESTA" (Adenauer)**

A sentença do Tribunal Militar Internacional reaviva: Os SS foram aproveitados para fins que, de acordo com a Jurisprudência, são criminosos: a perseguição e o extermínio de judeus; selvagens e matanças nos campos de concentração; abusos na administração dos territórios ocupados; a realização de um programa de trabalho forçado e torturas e assassinatos de prisioneiros de guerra. Na Alemanha Ocidental ocorre atualmente o seguinte: O "HAG" arregrando 14 milhões de tradicionais do SS. Na Alemanha Ocidental exercem sua nefasta missão 1.300 federações militaristas.

O ex-general de tanque SS Meyer, condenado à morte, (Conclui na 7ª pag.)

**NOVOS RUMOS**

Director: Mario Alves  
 Director Executivo: Orlando Benfante Junior  
 Director Geral: Flávio Gomes  
 Gerente: Gutemberg Cavalcanti

Redação: Av. Rio Branco 232, 12º andar S/1112 - Tel: 42-3111

Gerência: Av. Rio Branco 232, 3º andar S/905

SEMIANUAL DE S. PAULO Rua 12 de Novembro 228, 8º andar - S/872 - Tel. 33-0123

ASSINATURAS: Anual ..... Cr\$ 90,00 Semestral ..... Cr\$ 150,00 Trimestral ..... Cr\$ 40,00 Número avulso ..... Cr\$ 10,00 Anos atrasados ..... Cr\$ 10,00

ASSINATURA AVULSA: Anual ..... Cr\$ 1.800,00 Semestral ..... Cr\$ 800,00 Trimestral ..... Cr\$ 400,00 Mensal ..... Cr\$ 50,00

**NR ROMANCE**

**Iuri Gagarin**

**MINHA VIDA E MEU VÔO AO COSMO**

Tradução de Rui FACÓ  
 Ilustrações de MAX

164

E diante de meus olhos passavam as figuras de Tchapaiev e Telkalov, Pokriehkin e Kantaria, Kurchátov e Gaganova, Tursunkulov e Mamal... Eles, e não somente eles, como todos os soviéticos, extraiam e extraem suas forças vitais de um manancial profundo e puro: a doutrina de Lênin. E nos, cosmonautas, toda a nossa jovem geração, se havia des-sentado nesta fonte, havia-nos educado o partido leninista dos comunistas.

Retive-me um instante neste raciocínio, mas retomei o fio de meus pensamentos:

— Sei que concentrarei toda a minha vontade para da melhor maneira levar a cabo esta tarefa, compreendendo a responsabilidade que ela envolve, farei tudo o que estiver nas minhas forças para cumprir o mandato do Partido Comunista e do povo soviético.

— Se estou feliz por ir realizar um vôo cósmico? Naturalmente, sinto-me feliz. Em todos os tempos e em todas as épocas, a maior felicidade para o homem foi participar de novas descobertas.

Levantei os olhos para o alto do microfone e disse, ao ver as fisionomias atentas de meus perceptores e amigos: o Construtor-chefe, o Teórico em Cosmonáutica, Nicolai Petróvitch Kamánov, o querido e bom Evgeuni Anatólievitch, o Cosmonauta Dois...

— Quero dedicar este primeiro vôo cósmico aos homens do comunismo — à sociedade na qual já está ingressando nosso povo soviético e na qual, estou convencido, ingressarão todos os homens na Terra.

Observei como o Construtor-chefe olhava furiosamente o relógio. Era preciso concluir.

— Restam minutos contados para o lançamento — acrescentei. — Amigos eu vou digo até logo, como dissemos sempre um ao outro ao fazermos uma longa viagem. Como desejaria abraçar-vos, a todos, conhecidos e desconhecidos, próximos ou distantes!

165

E já me encontrava em frente à cabine, despedindo-me das camaradas que ficavam em terra e saudando-os com as duas mãos levantadas:

— Até breve!

Entre na cabine, que cheirava a ar do campo, sentei-me na poltrona, a escotilha fechou-se silenciosamente. Estava eu sozinho com os instrumentos, já iluminados não mais pela luz do sol, mas pelas luzes artificiais. Ainda ouvia tudo o que se fazia fora da nave, na Terra querida que eu agora amava ainda mais. Mas logo cerraram a armadura de ferro e o silêncio se tornou completo. Eu disse então:

— "Terra", eu — "o Cosmonauta". Terminava a comprovação dos instrumentos de comunicação. Foi dada a posição inicial dos controladores no local de direção. O globo se encontrava no ponto de separação. A pressão na cabina estava à unidade; a unidade do ar — 65%; a temperatura, 19 graus; a pressão na carlinga — 1,2; a pressão nos sistemas de orientação era normal. Estado de espírito — bom. Pronto para a partida.

O dirigente técnico do vôo havia anunciado uma hora e meia de preparação para o vôo. Depois, uma hora, meia hora. Faltando apenas alguns minutos para a partida comunicavam-me que no vídeo do aparelho de televisão meu rosto era bem visível, que o meu ânimo era o melhor possível. Disseram-me também que o pulso acusava 64 e a respiração, 24.

Eu respondi:

— O coração trabalha normalmente. Sinto-me bem, calcei as luvas, fechei o escafandro, estou pronto para a partida.

Deram as ordens de comando para o lançamento, inclusive a mim.

Por fim, o diretor técnico do vôo ordenou:

— Lançar!

Eu respondi:

166

— Vamos! Tudo corre bem. Sinto-me perfeitamente.

Eu tinha os olhos fixos no relógio. Os ponteiros indicavam 9 horas e 7 minutos, pela hora de Moscou. Ouvira um silvo e o rumor crescente, sentira que a nave gigantesca estremeceu em todo o seu corpo, e lentamente, com extrema lentidão, separou-se da instalação de lançamento. O rumor não era mais forte do que o que se podia escutar da cabine de um avião a jato, mas nele havia muitos novos tons musicais e timbres não escritos em notas dos compositores e que de certo não podem, por enquanto, ser reproduzidos por quaisquer instrumentos de música ou pela voz humana. Os potentes motores do foguete crivavam a música do futuro, com certeza, ainda mais emocionante e bela do que as grandiosas produções do passado.

A sobrecarga crescia. Eu sentia que uma força invencível me prendia mais e mais na poltrona. E embora esta estivesse instalada de forma a suportar a influência de uma enorme atração, pressionava sobre o meu corpo, tornava difícil mover o braço ou a perna. Eu sabia que esta situação não demorava, até que a nave ganhasse velocidade e entrasse em órbita. A sobrecarga continuava a crescer.

"A Terra" lembrava:

— Passaram-se 70 segundos da partida.

Eu respondi:

— Compreendi: setenta. Sinto-me perfeitamente bem. Continuo o vôo. Aumenta a sobrecarga. Tudo bem.

Respondi animado e ao mesmo tempo pensei: Será que somente 70 segundos? Os segundos eram longos como minutos.

"Terra" novamente perguntava:

— Como está se sentindo?

— Perfeitamente bem, e vocês?

167

Da "Terra" respondiam:

— Tudo normal.

Eu mantinha duas comunicações com a Terra através de três canais. A frequência das transmissões em ondas curtas feitas de bordo era de 9.019 megacíclos e 20.006 megacíclos e o diapasão das ondas ultracurtas era de 143.625 megacíclos. Eu ouvia a voz das camaradas que trabalhavam nas estações radiotelegráficas com tanta nitidez como se estivessem encontradas junto a mim.

A fase superior do foguete foi automaticamente lançada às camadas densas da atmosfera. Através dos visores eu podia avistar a distante superfície da Terra. Nesse instante o "Vostok" sobrevoava um largo rio da Sibéria. Viam-se distintamente suas ilhas e suas margens, as manchas da taigá iluminadas pelo sol.

— Que beleza! exclamei novamente, sem conter-me, mas logo me recordava: minha tarefa era transmitir informações de caráter prático e não enloucar-me das belezas naturais. Tanto mais que eu "Terra" no mesmo instante me pedira para transmitir o comunicado normal:

— Ouço-vos perfeitamente, respondi. Sinto-me magnificamente. O vôo prossegue bem. A sobrecarga continua a crescer. Avisto a Terra, florestas, nuvens.

A sobrecarga, realmente, continuava a aumentar sempre. Mas o organismo gradativamente se adaptava a esta situação e eu até mesmo pensei que a máquina centrífuga a mudança não se operava assim. A vibração, também, durante os treinos molestava muito mais. Em resumo, o diabo não era tão feio como o pintavam.

O foguete cósmico multifásico é um engenho de tal forma complexa que é difícil compará-lo com qualquer outra engenharia pela homem, pois tudo se compreende através de comparações. Uma vez com,

168

sumido o combustível que alimentava uma etapa do foguete, esta se tornava desnecessária e, para não tornar-se uma carga, automaticamente desprendia-se e era lançada à margem, enquanto a parte restante do foguete continuava a acelerar a velocidade do vôo. Eu jamais vira os cientistas e engenheiros introduzirem o leve e portátil combustível para os motores dos foguetes soviéticos. Mas na medida em que era conduzido por um destes foguetes para entrar finalmente numa determinada órbita, desejava neste minuto transmitir-lhes o meu agradecimento e dar-lhes o meu forte aperto de mão. Os complexos motores funcionavam maravilhosamente, com a precisão dos carrilhões do Kremlin.

Uma após outra, as etapas do foguete consumiam o combustível e se desprendiam, e chegava o momento em que eu podia comunicar:

— A nave despreendeu-se do foguete portador, conforme a previsão. Sinto-me bem. Os parâmetros da cabine são os seguintes: pressão: à unidade; unidade do ar: 65 por cento; temperatura: 20 graus; pressão na carlinga: à unidade; sistemas de orientação — normal.

A nave entrara em órbita — a grande estrada cósmica —, chegara à imponderabilidade, aquela mesma situação sobre a qual, ainda criança, eu lera nos livros de Tsiolkovski. A princípio, esta sensação era estranha, mas logo nos adaptamos a ela e continuávamos a cumprir nosso programa de vôo. Interessante, que diria na Terra quando comunicarem sobre o meu vôo? — Imaginava eu.

A imponderabilidade é para todos nós, habitantes da Terra, uma sensação estranha. Mas o organismo rapidamente se habituava, experimentando uma extraordinária leveza em todos os membros. Que se passou comigo durante esse tempo? Eu me desprendi da poltrona, parando entre o chão e o teto da cabine. A transição a esta situação ocorreu muito

169

suavemente. Quando não mais se fez notar a influência da gravitação, eu me senti excelentemente. Tudo imediatamente se tornou mais fácil de fazer. E braços e pernas eram como se não fossem meus. Não pesavam nada. Não estava sentido nem deitado: era como se passasse na cabine. Todos os objetos, que não eram fixos também flutuavam, e ao vê-los era como se fosse em sonho. A prancheta, o lápis, o caderno de notas... As gotas de líquido que se desprendiam do tubo tomavam a forma de pequenos globos e livremente flutuavam no espaço e, ao se fixarem nas paredes da cabina, semelhavam o orvalho sobre uma flor.

A imponderabilidade não influi sobre a capacidade de trabalho do homem. Trabalhei durante todo o tempo. Acompanhava o funcionamento dos instrumentos da nave, observava o espaço através das portinholas, tomava notas no diário de bordo. Vestido com o escafandro, eu escrevia com um lápis comum, sem retirar as luvas. Escrevia levemente e as frases seguiam-se umas as outras no diário de bordo. Mas, num instante em que me esqueci onde me encontrava, pus o lápis de lado, e de imediatamente fugiu de mim. Eu não conseguia agarrá-lo, e falava alto sobre tudo o que se passava, enquanto uma fita magnifônica lá gravando o que eu dizia. Continuei mantendo comunicação com a Terra pelos vários canais telefônicos e telegráficos.

Da Terra mostravam interesse em saber o que estava vendo em baixo e eu dizia que o nosso planeta era visto aproximadamente como de bordo de um avião a jato a grande altitude. Distinguiam-se grandes rios, as vastas florestas, a mancha das ilhas, as praias marítimas. O "Vostok" movia-se sobre os escombros de minha Pátria, e eu sentia por ela um ardente amor. Bilal Sim, como não amar a Pátria, seus filhos, se os povos de todo o mundo a

170

olhavam cheios de esperanças. Ainda bem reconheciamos a nossa Mãe-Pátria nos ensinara, desde a infância, nos melhores e mais nobres sentimentos. Não se. Nenhum mais rico nem mais belo do que a União Soviética.

Ainda criança, eu lera encantado A História do Regimento de Igor, antiga coleção de narrativas russas sobre a dedicação à Pátria. gostava, nos intervalos das aulas, de postar-me em frente ao mapa e olhar os grandes rios russos: o Volga, o Dniepr, o Ob, o Ienissei, o Amur, literalmente arrebatados a irrigarem o poderoso corpo de nosso país e sonhava com longas viagens e excursões. E eis que estava realizando a principal viagem de minha vida: o vôo em torno do globo terrestre! E à altura de 300 quilômetros agradecia em pensamento ao Partido e ao povo que me haviam proporcionado semelhante felicidade: ser o primeiro a ver e o primeiro a contar aos homens sobre tudo quanto vira no Cosmos.

Eu via as nuvens e suas tênues sombras sobre a longuinha e amada Terra. Neste instante descrevia em mim o filho do camponês colcosiano. O meu interiormente estava assombrado-se diante de mim: um campo lavrado, cultivado pelos grãos de cereais.

(continua)



# Jango a Guillén: O Brasil Não Admite Nenhuma Intervenção em Cuba

HAVANA (PL) Com enorme destaque, em sua manchete de primeira página, o jornal "Hoy" publicou a entrevista concedida pelo presidente da República do Brasil, sr. João Goulart, ao poeta e jornalista cubano, Nicolás Guillén, ora em visita aqui para...

E o seguinte o texto da reportagem:

O presidente João Goulart recebeu em seu gabinete do Palácio da Alvorada, em Brasília, às 7 45 da noite da última terça-feira. Antes, Goulart havia conferenciado demoradamente com o almirante Amaral Peixoto, presidente do Partido Social Democrático.

Goulart é um homem

... muito inteligente, simples e objetivo. Nasceu há 43 anos na cidade de São João del-Rei, na fronteira do Brasil com a Argentina. É português, o que aqui se chama de "gaúcho". Sua carreira política foi feita junto ao presidente Vargas — "gaúcho" também — que por ele sentia um carinho paternal.

O presidente não estava em seu gabinete quando chegou. Entretanto, a ausência durou pouco. Chegando, Goulart se dirigiu a mim de maneira cordial. Em vez de ocupar a mesa-moqueta por sinal — que existe em seu gabinete, sentou-se num sofá próximo, indicando-me ao mesmo tempo uma poltrona frente a ele. Disse-me que devia partir de madrugada para o Norte do País. Não parecia cansado, apesar de realizar um trabalho esgotador.

Estávamos os, inclusive seu secretário particular, Raul Riff, desapareceu por encanto, depois de ter me acompanhado até onde estava o presidente.

## TREGUA POLITICA

Início a conversa, dizendo-me que em Cuba estamos profundamente agradecidos ao governo e ao povo do Brasil pela ajuda que ambos nos prestaram, tanto sob a presidência de Jânio Quadros como agora.

Quando se deu a última crise, sr. presidente, nós os cubanos acompanhávamos angustiados por meio da imprensa, como em um filme, as peripécias de seu retorno ao Brasil, e os incidentes que vieram em seguida. Creio que a crise esteja superada?

O presidente me respondeu que, pelo menos, se produziu uma "tregua política" e que é preciso aproveitá-la para enfrentar os grandes proble-

mas sociais que se colocam diante da nação. Acrescenta que isso permitirá fortalecer a democracia do Brasil.

## LEIS POPULARES

O presidente Goulart respondeu-me com vivacidade:

Leis populares, em primeiro lugar, uma lei de reforma agrária. Em seguida, a adoção de drásticas medidas para impedir a evasão de lucros para o estrangeiro. A fuga de divisas é impressionante e representa uma terrível sangria para a riqueza nacional. Urge, em seguida, uma profunda reforma bancária. Em geral, precisamos de leis que assegurem ao povo uma maior participação nas riquezas da pátria.

## PARLAMENTARISMO

Falo ao presidente acerca do regime parlamentar instaurado no Brasil como consequência de recente crise. Qual é a sua impressão pessoal, durante essas semanas, sobre a experiência parlamentar?

Goulart responde que não há tempo ainda para chegar-se a uma conclusão, ao menos quanto a ele.

E o plebiscito, haverá o plebiscito?

— De acordo com a lei que estabeleceu o regime parlamentar no Brasil — responde Goulart — o plebiscito deve ser convocado. E uma disposição daquele texto legal. Pessoalmente, creio que o povo deve ser consultado sempre sobre as grandes decisões nacionais.

## AUTODETERMINAÇÃO

Falamos agora sobre Cuba. A que se deve — pergunto — a extraordinária simpatia por mim encontrada entre o povo brasileiro para com a revolução cubana e a seus líderes?

O presidente disse que no Brasil todo movimento de emancipação tem sempre associada essa simpatia, isto explica o que acontece não só em relação a Cuba, mas também com outros povos. O sentimento de repugnância popular contra a intervenção de um Estado nos assuntos do outro, é aqui muito forte. Goulart acrescenta que, por outro lado, no caso de Cuba, há razões especiais, como a semelhança de origem social e de circunstâncias econômicas e culturais que há entre ambos os povos. Acredita ele, além disso, que a união de todos os povos latino-americanos é indispensável para vencer na luta

contra o estado de subdesenvolvimento em que se acham.

## MENSAGEM A CUBA

A entrevista chega ao fim. Última pergunta:

Qual seria, sr. presidente, a atitude do governo brasileiro no caso de verificasse a invasão de Cuba, denunciada pelo Governo Revolucionário?

— A atitude do Brasil foi sempre muito clara. Somos

contra qualquer ingerência que limite o direito de cada nação a determinar por si mesma o seu destino. Nisso, creio, não há dúvidas. E esta a política que o governo brasileiro seguirá.

— Digis ao seu governo e ao seu povo que, em nome de meu povo, e como presidente do Brasil, lhes envio uma saudação de amizade e simpatia.

## QUER IR ESTUDAR EM CUBA?

O Conselho Superior das Universidades de Cuba vem de instituir mil bolsas para estudantes latino-americanos que desejarem cursar as escolas superiores do primeiro país socialista da América. As bolsas são para as Universidades de Havana, Las Villas e Oriente e correspondem aos seguintes cursos: Engenharia, Agronomia, Medicina e Farmácia, Arquitetura, Humanidades, Economia e Direito. Os candidatos devem ter terminado o curso secundário em seus países de origem. As inscrições serão acompanhadas de autobiografia do candidato, certificado de conclusão do curso secundário, certidão de nascimento, atestado de saúde e duas fotos, firmadas pelo aspirante.

As solicitações deverão ser encaminhadas ao Conselho Superior das Universidades de Cuba, através da Embaixada Cubana em Rio de Janeiro, rua Djalma Ulrich, 201, 12 andar, Copacabana.

Os bolsistas admitidos terão pagas suas passagens de ida e volta (início e término do curso) a Cuba, assistência médica, residência e alimentação durante o curso.

As inscrições estão abertas desde agora.

# LIMA BARRETO — ESCRITOR E PENSADOR

Por Zh. Bazarián

Candidato a Doutor em Ciências Filosóficas, no URSS

Em 39 anos, em 1.º de novembro de 1922, dia nublado e chuvoso, deixou de bater o ardente coração de uma das personalidades mais notáveis da América Latina — Afonso Henrique de Lima Barreto, talentoso escritor e apaixonado lutador pela emancipação nacional, a democracia e a amizade entre os povos.

Convicto realista, humanista e satírico, Lima Barreto criou excelentes novelas, como "Recordações do Escrivão Isaías Caminha" e "Triste Fim de Policarpo Quaresma", que enriqueceram não só as letras brasileiras, mas a própria literatura mundial.

Para poder escrever com tanto carinho sobre as pessoas simples, como o fazia Lima Barreto, era preciso

ser, além de um escritor de talento, um homem de verdade. "Meu pensamento — escrevia Lima Barreto na inédita novela autobiográfica "Cemitério dos Vivos" — era voltado para toda a humanidade, para a miséria e os sofrimentos, para todos os que sofrem". Por dentro do herói dessa novela — Mascarenhas — o escritor dizia: Sofri profundamente... fui humilhado... vivia na imundície, mas sentia que meu interior resplandecia de bondade, do sonho de conseguir a verdade, de amor ao próximo, de um desejo imenso de contribuir para que outros fossem mais felizes do que eu".

Lima Barreto, de origem mulata, odiava toda forma de discriminação racial e defendia, com toda sua paixão, os negros perseguidos pelos

racistas norte-americanos. Não suportava as pelúcias lanques que elogiavam toda espécie de crime: assassinatos, roubos, raptos, gangsterismo.

A condenação cerrada dos aspectos sombrios da vida, o profundo amor pelos trabalhadores simples e por sua Pátria, que se sente em todas as obras de Lima Barreto, colocam este admirável escritor nas primeiras filas de

literatos progressistas do mundo.

Entretanto, o reconhecimento de seu talento chegou somente depois de sua morte. Durante sua vida, suas obras foram cercadas pelo silêncio. Obrigado a publicar seus livros com seus próprios recursos, demasiado escassos, vivia em extrema pobreza e morreu com a idade de 41 anos, no meio de absoluta miséria e solidão.

Em maio deste ano os sovietos renderam uma homenagem de respeito estimado ao ilustre cidadão brasileiro. Por motivo do 80.º aniversário do nascimento de Lima Barreto, a Associação Soviética de Amizade e Colaboração Cultural com os países da América Latina organizou um ato solene na Casa da Amizade. Em todas as intervenções foram assinalados não só os méritos de Lima Barreto no domínio da literatura, mas também sua sincera e nobre posição com respeito à Revolução de Outubro na Rússia. Foi ele, longínquo escritor brasileiro, a conjuntura de auge da criação e de intensa penetração imperialista na América Latina, levantou sua voz em defesa da jovem República dos soviéticos.

Saudou de todo o coração a Revolução Socialista de Outubro. "A face do mundo mudou" — exclamou Lima Barreto — "Viva a Rússia!"

Sentindo profunda estima pelo fundador do primeiro país socialista do mundo, Barreto escreveu no artigo "Memórias da Guerra" que Lenin é o maior homem de nosso tempo, que dirige com toda a audácia as grandes transformações sociais da época.

No conhecido artigo "Sobre o Maximalismo" Barreto atacava os reacionários que caluniavam o país soviético. "Nossos subdesenvolvidos não podem apresentar um argumento contra os que pensam seriamente nos problemas sociais e vêm na Revolução Russa uma das mais originais e profundas das que tiveram lugar até hoje na sociedade humana".

Barreto era um adversário irreconciliável das guerras. Protestava com toda a força de seu talento contra a guer-

ra imperialista, desmascarando seu caráter antipopular e propagando a fraternidade internacional de todos os trabalhadores. Sublinhando a essência anti-humana do imperialismo, cuja companheira inelutável é a guerra, Lima Barreto escreveu: "Nietzsche era o filósofo típico da burguesia rapace e descarada, da grosseria, da crueldade e do desejo de "ganhar dinheiro" por qualquer método, filósofo dos banqueiros e industriais que, sem vacilar, jogam na miséria milhões de pessoas e engendram as guerras para ganhar alguns milhões a mais".

Ardente patriota, condenava todas as formas de colonialismo e exploração de uma nação por outra. Depois da primeira guerra mundial, quando o imperialismo lançou sua intensa penetração econômica no Brasil, Lima Barreto investiu com coragem contra a "Monstruosa República", como ele chamava os Estados Unidos da América, onde se dá valla antes de tudo à força do dinheiro. Barreto exortava a todos os povos da América Latina a lutar contra a opressão dos "brutais e odiados Estados Unidos da América".

No artigo "Vários autores e várias obras", publicado em 1920, escreveu palavras proféticas, cheias de profundeza, na vitória definitiva dos povos da América Latina na luta pela independência nacional: "Não passaram 40 anos — escreveu Lima Barreto — e todos os países da América do Sul e Central, assim como o México, se uniram a fim de acabar de uma vez para sempre com a atual opressão desgraçada dos banqueiros, que é cada vez mais insuportável".



## A POLÔNIA NA VI BIENAL

A Polónia é um dos países da Europa fortemente representados na VI Bienal de São Paulo. Figura o país polonês em nada menos de cinco das seções da grande mostra internacional, com exposições de pintura, gravura, desenhos, arquitetura e livros, mostras que refletem sobejamente o florescimento artístico do país.

## "O QUE EU VI EM CUBA"

O sr. Jacé Pereira Lima está contando o que viu em Cuba, todos os sábados, às 20 horas, na Transição de São Paulo. Figura o país polonês em nada menos de cinco das seções da grande mostra internacional, com exposições de pintura, gravura, desenhos, arquitetura e livros, mostras que refletem sobejamente o florescimento artístico do país.

Nessas palestras o sr. Pereira Lima exibe filmes documentários e pôr a disposição dos frequentadores uma vasta coleção de jornais, revistas e livros sobre aquele país, que o conferencista percorreu recentemente.

**Tópicos Típicos**  
Pedro Severino

Na semana passada, tivemos ocasião de lhes falar sobre a crítica do sr. Tristão de Athayde e sobre a questão da liberdade, suscitada pelo ilustre escritor católico. Entende o sr. Tristão que, apesar de tudo, a liberdade ainda constitui a base da filosofia política existente nos Estados Unidos, ao passo que, na União Soviética, o totalitarismo teria eliminado a liberdade. Manifestamos a nossa discordância e a nossa consternação de ver essa liberdade, tão articulada do "Diário de Notícias" o velho mito de uma "liberdade abstrata".

A liberdade concreta — compreendida como exercício efetivo da autodeterminação — existe em todas as sociedades. Só que não existe da mesma maneira em todas elas. Nas formas feudais e mais primitivas de despotismo, conforme observou Hegel, pode-se dizer que, praticamente, apenas o despota era livre. Em sociedades escravistas e feudais, somente os proprietários de escravos e de terras, feudais podiam desfrutar realmente da liberdade. Numas sociedades capitalistas, a liberdade se transforma em mercadoria: algumas míseras são cedidas ao proletariado, enquanto que as outras ficam nas mãos dos proprietários das fontes de produção.

A liberdade — convém fazer a ressalva — nunca foi absoluta. Os antigos despotas, os proprietários de escravos, os senhores feudais, exerciam com limitações a sua liberdade. De fato, às vezes eram obrigados a fazer concessões, às vezes não as faziam e pagavam caro pela intransigência. O mesmo ocorre com os capitalistas modernos.

Entanto seus ideólogos, encem a boca para falar em liberdade e democracia, a burguesia explora os trabalhadores, procurando enganá-los, desmoralizá-los e intimidá-los. Para isso, usa uma propaganda permanente, controla os jornais, o rádio, a televisão, coloca fora da lei o partido político de vanguarda da classe operária e persegue seus quadros mais combativos. E a moral da raposa livre dentro do galinheiro livre, como escreveu Roger Garaudy.

Quando vemos um escritor como o sr. Tristão de Athayde falar sobre liberdade, vêm-nos logo a vontade de perguntar: liberdade de quê? liberdade para quem?

Porque, para que haja liberdade para todos, liberdade para a humanidade em seu conjunto, é preciso acabar com a divisão da sociedade em classes e fazer desaparecer o caráter de privilégio da liberdade. E, para que haja liberdade de cada um buscar a sua felicidade em igualdade de condições com os demais, é preciso criar essas condições, é preciso proporcionar a todos os meios materiais para que a busca da felicidade não seja uma expressão vã, uma ironia cruel.

## NOVA DIRETORIA DA UME: POSSE

Sábado, dia 11, em solenidade cujo início está previsto para as 20,30 horas, no salão nobre da UNE (Praia do Flamengo, 132), tomara posse a nova diretoria da União Metropolitana de Estudantes (UME), entidade máxima de representação dos universitários da Guanabara.

Os novos diretores, vitoriosos por uma margem de

## Capital Estrangeiro na Indústria Farmacéutica

O deputado União Marcondes, do PTB, pronunciou uma conferência, sexta-feira, 10 do corrente, às 20,30 horas, na sede do ISEB (rua das Palmeiras, 55), sobre a penetração do capital estrangeiro na indústria farmacéutica. Entrada franca.

quase 400 votos no pleito universitário mais concorrido dos últimos anos no Estado, e representantes da corrente situacionista na organização desde 1958, são os seguintes: presidente, José de Sousa (Direito da UEG); vice-presidente de problemas educacionais, Mário Augusto Azevedo (Medicina e Cirurgia); vice-presidente de problemas nacionais, Jackson Sampaio (Politécnica da PUC); vice-presidente de assuntos assistenciais, Alfredo de Almeida, (Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro); vice-presidente de coordenação universitária, Marcus de Almeida (Sociologia da PUC); Secretário-geral, Carlos Augusto Ribeiro (Náutico de Direto); 1.º secretário, Antonio Claudio Sochaczewski (Politécnica da PUC); 2.º secretário, Nelson Silva dos Anjos, (Serviço Social do Estado da Guanabara); tesoureiro, Toyofica Abe (Nacional de Medicina).

RÁDIO DE MOSCOU		
Hora do Rio de Janeiro	Ondas	Frequências
Das 13,30 às 14 horas	13 metros	21,99 megacíclos
	16 "	17,74 "
	19 "	13,31 "
das 15,30 às 20 horas	16 metros	15,84 megacíclos
	19 "	12,51 megacíclos
	25 "	11,79 "
	25 "	11,79 "
	31 "	11,92 "
	31 "	9,58 "
Das 20 às 21 horas	19 metros	14,81 megacíclos
	19 "	13,36 "
	25 "	11,79 "
	25 "	11,79 "
	31 "	11,92 "
	31 "	9,58 "
Das 13,30 às 10 horas	16 metros	15,84 megacíclos
	19 "	12,51 "
	25 "	11,79 "
	25 "	11,79 "
	31 "	11,92 "
	31 "	9,58 "



# Eleição às Claras

Roberto Moreno

Nos dias 9, 9 e 10 de dezembro próximo, segundo a agenda social realizada no âmbito da Diretoria e do Conselho Fiscal e suplentes da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI), para o período de 1962-1964.

Grande logo após a realização do Congresso Nacional dos Trabalhadores em fins de 1946, em que os membros do Ministério do Trabalho foram derrotados, a CNTI tem sido dominada desde a sua formação, por Delegados de Holanda Cavalcanti e seu grupo. Jamais a CNTI deixou de sofrer ataques dos trabalhadores por isso, vários anos momentos, sempre se colocou perante os seus próprios interesses e sempre esteve a serviço dos empregadores e do lucro.

A bem da verdade, é necessário reconhecer que passaram por sua direção dirigentes sindicais honestos e que mereceram a confiança de milhares de trabalhadores. Mas pouco podem fazer. A máquina fantasmagórica montada por Decebalino, que domina sobre a base da mais sólida consciência e de milhões de trabalhadores, não é o suficiente para pôr em prática programas e planos de trabalho aprovados em suas reuniões e concluídos regularmente em que toma parte.

Quando se fala na CNTI, resta sempre por parte dos trabalhadores, pergunta-se: Que faz a CNTI? Que se empregam milhões de cidadãos que arremetam do imposto sindical? Que faz em benefício da classe trabalhadora? Os seus pronunciamentos são quase sempre reacionários e contrários à luta dos trabalhadores e do povo. Representa ainda, em nosso país, o que há de mais reacionário no movimento sindical internacional, como é a CIOSL-ORIT, onde atuam e dominam os mais graduados agentes do Departamento de Estado do movimento sindical dos Estados Unidos e nos países onde os seus agentes dominam.

Os empregadores e seus organizadores e seus apoiadores têm sempre alimentado uma constante propaganda contra a CNTI. Pergunta-se: está de acordo em que se organiza? De quando em vez constituem uma comissão de inquérito para apurar o respeito de grandes somas de dinheiro que se retiram dos cofres da CNTI, como se já fossem conhecidos de craxismo que a Comissão do Imposto Sindical entregou a Decebalino de Holanda Cavalcanti. Os que promoveram esse inquérito foram precisamente os representantes do Trabalho, Seguros e Previdência Social, em virtude das grandes bancarrotas dessa Comissão. Outro foi o deputado Elias Adams, aventureiro e oportunista, que aprova-

do a manutenção dos delegados ao Congresso Nacional de Previdência Social para se eleger presidente de sua Comissão Permanente e daí conseguir dinheiro e obter uma carteira de deputado por Santa Catarina. E no último inquérito promovido pelo MPTPS, sob o governo do sr. Jânio Quadros, coube a sua direção ao pagamento de MPTPS, Sindicato de Neófitos, que por muitos anos foi financiado pela CNTI e amigo e defensor de Decebalino. Assim, esses inquéritos não passaram de farças.

Os trabalhadores não têm nenhuma intenção de normalizar a CNTI. Ao contrário, tudo fazem para desmoralizá-la, mantendo a sua frente um exemplo a ser seguido, como Decebalino, o que quer e busca a desmoralização dos trabalhadores contra as suas verdadeiras organizações, para o fortalecimento e maior a unidade e a fidelidade do movimento sindical.

Tudo isso a partir de 15 de maio de 1956, com a presença de vários organizadores sindicais honestos e de diligentes operários honestos, dar uma nova vida às suas organizações: CNTI, CNTI e CNTE. O grupo chefado por Decebalino, Barragiani e Sindicato pressionados e controlados pelos trabalhadores, propõem que estavam de acordo com as instituições econômicas e políticas do País. Porém, há um programa como a Carta Econômica e Política, a elaboração de lista de candidatos e até chegar a participar de uma greve em fa-

vor da aplicação do salário mínimo.

Apesar de todos esses esforços não se conseguiram mudar as direções desses organismos. Ao contrário, devido a isso, muitos desses dirigentes e políticos ainda puderam aparecer em público sem ser variado e corrido. Mas como não investiram trabalhadores, e em 13 de maio de 1960 voltaram a aparecer com sua verdadeira fisionomia em controvérsia com os seus atos da CIOSL-ORIT.

Em eleições na CNTI em dezembro, deve ser feita a eleição. Os que se opõem ao grupo Decebalino, Ari Campista, Veloso e Cia, devem organizar uma chapa e um programa para todos os trabalhadores e suas organizações os conhecem e podem dar seu apoio. Ao mesmo tempo, é preciso denunciar sem medo as manobras e cambaíslas que Decebalino e Cia já estão fazendo para se manterem no poder.



# Mulheres da Guanabara: Luta Contra a Alta do Leite

A Cidade  
Crianças Encarceradas  
Ana Montenegro

Empenhadas no momento, em evitar que a COFAP, da pressão dos produtores de leite — que exigem da quele organismo a liberação pura e simples do preço do produto — as donas-de-casa cariocas prosseguem na sua campanha pela contenção do custo de vida. Sexta-feira, uma comissão de senhoras, representando a Liga Feminina da Guanabara, deverá comparecer a um programa de televisão a fim de debater com proprietários de vacarias e outras pessoas ligadas ao comércio do leite, problemas do abastecimento à Guanabara desse alimento indispensável, recentemente majorado. Na ocasião, as senhoras demonstrarão com dados irrefutáveis, há semanas sobretudo no fato de que as constantes faltas e altas de preços do leite para fins industriais, a impossibilidade da pretensão dos produtores de leite.

## CAMINHÃO DA LIGA

Em dias da semana passada, a cidade viu percorrer suas ruas um caminhão ornamentado com faixas e cartazes — atra a carterista e portante um serviço de alto-falantes por intermédio do qual um grupo de líderes femininos dirigia-se ao povo, clamando a lutar contra a alta do custo de vida. No Largo da Carioca, na Central do Brasil e em frente à Estação Barão de Mauá (E. F. Le pôidina) foram então realizados movimentados comícios. As donas-de-casa prestaram contas à população das atividades da caravana e a fora a Brasília, levando ao presidente da República e ao presidente do Conselho de Ministros o memorial sugerindo medidas eficazes para conter a alta.

manie ainda de elevação de preços. O documento, cujos tópicos principais NOVOS RUMOS divulgou na oportunidade, foi assinado por 10.000 mães, tendo 13.000 de suas firmas sido recolhidas no Rio de Janeiro. O total foi completado com assinaturas coletadas em São Paulo, Belo Horizonte e Brasília, através das associações de donas-de-casa locais. Falaram no três comícios, da tribuna improvisada na carroceria — caminhão, as senhoras Antonieta Campos da Paz, Elza Soares Ribeiro e Clara Charf. Revelaram que o memorial foi enviado ao Conselho de Ministros para que este estude as providências solicitadas. Enquanto isso, disseram, cabe às mulheres e ao povo em geral, batalhar a fim de que as medidas sugeridas no memorial venham a ser postas em prática o quanto antes. Paralelamente, afirmaram, levemos a efeito ações de denúncia e combater qualquer manobra astuta que empreendam os especuladores e exploradores do povo. E o caso concreto, agora, concluíram, da pretendida liberação do preço do leite, no qual nossa atitude deve ser a de desmascarar os gananciosos produtores e os poderosos industriais.

## O QUE DEVE SER FEITO

As medidas propostas ao governo, e p.a execução das quais, as senhoras dinamizaram ainda mais a forte movimento que já vem empolgando outras camadas da população, são as seguintes: revisão das instruções da SUMOC, na parte em que eliminaram o câmbio de custo, elevando consequentemente, os preços dos produtos básicos, tais como a gasolina e os combustíveis em

geral, o trigo as matérias-primas para a fabricação de medicamentos, o papel para o livro didático, para a imprensa e as obras culturais, assim como de outros produtos essenciais cuja alta influi nos fretes e no custo de produção; sustar as emissões exageradas do papel moeda, que contribuem para a elevação do custo de vida, resultando em impostos indiretos ilegais que cortam pesadamente os salários e as pensões; promoção de empréstimos compulsórios sobre os manipuladores de grandes capitais, a fim de atender às necessidades inadiáveis do governo; corte nas despesas adiantadas do governo e proibição de gastos supérfluos dos que, indiferentes às dificuldades da Nação, afrontam a miséria dos desfavorecidos; congelamento dos preços das utilidades, serviços e gêneros de primeira necessidade e rigoroso controle através de um órgão que, substituindo ou não a COFAP, não tenha as características de um órgão dos subúrbios, e do qual participem as organizações femininas, os sindicatos de trabalhadores, as entidades estudantis, as associações de lavradores e outras organizações populares; utilização dos estoques de gêneros alimentícios em poder do Banco do Brasil, partilhadamente das milhares de toneladas de carne estocadas pelas frigoríficas e que foram financiadas por aquele banco; tabelamento dos novos livros de corte, que estão nas invencíveis, inclusive das próprias empresas frigoríficas que são, atualmente, os maiores investidores do Brasil Central; limitação da exportação de carne e fiel cumprimento, pelos frigoríficos, do decreto que estabelece normas acuteladoras

para os chamados períodos de entre safra; estabelecimento de um sistema de transporte rápido e barato para os gêneros de primeira necessidade e criação de centros de armazenamento próximos aos centros consumidores, desapropriação, por utilidade pública, das áreas próximas aos grandes centros consumidores e sua distribuição aos lavradores para o cultivo de cereais e outros produtos alimentícios; perseguição da Lei do Inquilinato por um prazo mais ou longo; aplicação efetiva de um plano de financiamento para a casa própria e construção, em larga escala, do Estado, de habitações populares; congelamento de taxas e anuidades escolares; aumento da rede escolar, sobretudo do ensino médio e técnico, profissional gratuito; e aquisição e distribuição gratuita, ou a baixo preço, pelas instituições de previdência social, de medicamentos de amplo consumo popular.

## PRODUTORES E INDUSTRIAIS DO LEITE QUEREM AUMENTAR SEUS LUCROS

Os produtores de leite estão ameaçando a população da Guanabara de sonegação total do produto, se não lhes for concedida, pela COFAP, a liberação do preço de venda desse alimento vital. Não querem aumento, o que já conseguiu, há apenas quatro meses, quando a entidade controladora dos preços tabelou o leite no Estado da Guanabara e nas cidades de Belo Horizonte, Niterói, São Paulo e Vitória, passando o litro a custar, no Rio de Janeiro, Cr\$ 25,50. Exigem liberação, o que significa preços segundo a sua vontade, conforme sua maior ou menor avidez de lucros. Alegam que encareceu a ração, o arame farpado, etc. Então, por que não lutam pelo tabelamento da ração e do arame farpado. Se os molhos não entregam o resíduo para alimentação dos animais, se os vendem em forma de ração balanceada, por preços excessivos, compete ao governo não só tabelar essas rações, como impedir que os molhos se constituam também em fábricas de rações, dando margem, imediatamente, para a exploração do povo.

## E CRIME

Os dados sobre o consumo de leite no país são este:

dores e explicam o alto índice nacional de mortalidade infantil. No Recife, por exemplo, o consumo do produto dá uma média de uma colher por habitante. Não é de estranhar, portanto, que a mortalidade infantil no Nordeste alcance a cifra de 400 por mil nascimentos, de crianças de 0 a 1 ano de idade. O que ocorre em grande parte para tal panorama é a existência das fábricas de leite em pó, como a Nestlé (companhia americana), comprando o leite aos produtores, na própria bacia leiteira, por preços ínfimos, impondo cotas, mesmo no período de entressafra, sob a ameaça de não comprarem leite não consumido no período da safra. E os industriais, que sempre conseguiram da COFAP, para efetuar suas compras, um preço bem inferior ao da tabela de venda ao povo, jamais tiveram tabelados os derivados do leite que lançam no mercado. Nem o queijo nem a manteiga (que a grande maioria da população já aboliu de sua mesa), muito menos o leite em pó.

## GOVERNO DEVE INTERVIR

Se as grandes indústrias de derivados do leite, neste período de abundância que tem início agora e que perdurará até março, vão impor preços baixos pelo excesso do leite em pó, não consumido em virtude do baixo poder aquisitivo do povo, por que é que os consumidores vão ter que pagar, pelos industriais, aos produtores de leite? Este desaparece

## PRODUÇÃO BARATA

A pretensão de liberar o preço do leite surgiu logo

após a fixação dos novos níveis mínimos de salário. Mas o reajustamento salarial conseguido depois de duras lutas pelos operários não pode servir de argumento aos chamados produtores de leite. Sabe-se que os trabalhadores agrícolas não recebem salário mínimo, e não têm quaisquer direitos sociais e econômicos assegurados. Também, o número de pessoas utilizadas numa fazenda gado é bastante reduzido. Segundo declarações do sr. Eduardo Hugo Frota, da Secretaria de Agricultura do Estado da Guanabara, o custo da mão-de-obra é pequeno, acrescentando que 40 a 50 vacas são mantidas e tratadas por apenas dois homens.

## GOVERNO DEVE INTERVIR

Se as grandes indústrias de derivados do leite, neste período de abundância que tem início agora e que perdurará até março, vão impor preços baixos pelo excesso do leite em pó, não consumido em virtude do baixo poder aquisitivo do povo, por que é que os consumidores vão ter que pagar, pelos industriais, aos produtores de leite? Este desaparece

## GOVERNO DEVE INTERVIR

Se as grandes indústrias de derivados do leite, neste período de abundância que tem início agora e que perdurará até março, vão impor preços baixos pelo excesso do leite em pó, não consumido em virtude do baixo poder aquisitivo do povo, por que é que os consumidores vão ter que pagar, pelos industriais, aos produtores de leite? Este desaparece

# Paraná: Batalha Pela Posse da Terra Começa Nos Confins do Oeste De Pato Branco a Cascavel a Lei é a do Mais Forte

Texto e fotos de Luiz Fernando Enviado especial de NR

Juvêncio Batista dos Santos é um tipo interessante. Nordestino, baixinho, voluntarioso, valente, é grande o seu prestígio entre os trabalhadores, quase tanto quanto entre as mulheres. Conheci Juvêncio em Maringá, às vésperas do II Congresso dos Trabalhadores Rurais do Paraná, do qual foi um dos mais ativos colaboradores. Prontamente cedeu-me seu quarto no hotel em que vive ("Esses dias em passo na casa da Mãe dos Pejos poderes oficiais. Depois de diversas reuniões e entendimentos, decidiram armar-se e empreender uma ação mais firme em favor da tranquilidade de suas famílias. Sucederam-se as escaramuzas e, no dia 10 de outubro de 1957, os trabalhadores tomaram a cidade de Pato Branco, ocupando, em movimentos rápidos e coordenados, a delegacia de polícia, o Fórum, a estação de rádio, a Prefeitura, a Câmara Municipal, o aeroporto e todas as repartições públicas. O governo do Estado enviou para lá importante chefe policial, nós prendemos ele, e você precisava ver como o homem chorava, pedindo que não matassem ele, que tinha filhos para sustentar, uma vergonha de covardia.

## BANCO DO ESTADO

Relembramos esses fatos do sudoeste porque estão diretamente ligados a uma grossa negociação realizada pelo Banco do Estado do Paraná que ainda hoje se reflete nas atuais lutas do oeste. Com a vitória completa dos posseiros naquela ocasião, João Simões, diretor do banco, perdeu tudo nos conflitos, endividou-se e ficou devendo ao estabelecimento dois bilhões de cruzeiros, de dinheiro do qual lançava mão para fazer seus grilhos, pagar jagunços. Para resarcir o banco de seus prejuízos, foi ajudada uma traçaça com o governador Motez Lupion, e o Banco do Estado recebeu como indenização um a quantidade prodigiosa de terras. Em cada local onde o banco tem uma agência, possui também uma gleba de cerca de mil alqueires. Em Cascavel, o banco apoderou-se da gleba número 3 e está procurando forçar os posseiros a assinarem contratos que os fariam perder a terra. O documento, partindo da premissa de que as terras pertencem ao banco, determina que os posseiros devem pagar cento e cinco mil cruzeiros por alqueire paulista, num prazo de cinco anos. Segundo o contrato, os pinheiros e outras madeiras terão de ser vendidos ao banco por quinhentos cruzeiros o pé, quando o preço de um pinheiro atualmente é mil e quinhentos cruzeiros. Das trezentas famílias da gleba 3, 80% podem cumprir esse contrato. Os 92% restantes serão despejados, perdendo todas as benfeitorias que fizeram — estradas, pontes, hotéis, escolas, casas, plantações.

## GRILHO "MILITAR"

As autoridades responsáveis — o governo do Estado, principalmente — pela atual situação no oeste paranaense, entre os mil argumentos para justificar sua passividade diante dos fatos, lançam mão freqüentemente da desculpa de que as terras em litígio, grande parte delas, pelo menos, pertence ao governo federal, nada podendo fazer os poderes estaduais. Isso, contudo, é apenas a história de mais um grilo.

A Constituição obriga a demarcação de uma faixa de fronteira, terras a serem controladas pelas forças armadas, em virtude de seu valor estratégico. Essa faixa, de 66 quilômetros de

largura, não pode pertencer a particulares, que a podem utilizar apenas em usufruto. No caso do oeste paranaense a zona de fronteira começa ao norte, em Guaíra, acompanhando a margem esquerda do rio Paraná (fronteira com o Paraguai) até a confluência com o Iguaçu, e daí em direção a leste, neste rio, marcando limites Brasil-Argentina.

Em 1958, com auxílio dos posseiros instalados na região, que o ajudavam com serviços, viveres e dinheiro, o exército começou a fixar a faixa de fronteira. Foi quando surgiu um aventureiro chamado "capitão" Ramos — sem que ninguém jamais soubesse a qual das três forças armadas pertence, se é que pertence mesmo a alguma — que já há algum tempo vinha grilando terras para certos militares como o brigadeiro Samuel, tenente Greengald, capitão Gerson, brigadeiro Graça Aranha (latifundiários já citados em reportagem anterior) e outros, e começou suas estrepitias, marcando terras para esses oficiais, chegando até a construir um campo de aviação na serra do Boi Preto.

Para armar uma enrascada que expulsasse os posseiros habitantes do local, "capitão" Ramos convidou-os para um churrasco, prometendo que viessem armados, pois se tratava de uma festa folclórica. Bateu-lhes uma fotografia e a enviou para o governador do Estado, dizendo que os posseiros estavam em pé de guerra, tentando evitar a delimitação da faixa de fronteira. Queriam com isso motivar intervenção militar que expulsasse os posseiros, ficando os militares com a terra, golpe que ficou conhecido na região como grilo "militar".

O pessoal do exército, vendo que estava servindo para manobra de grileiros, abandonou a demarcação até a questão ser resolvida. O terreno livre, Molsés Lupion mandou sua polícia para o local e esmaçou os posseiros, prendendo, espancando, liquidando seus bens, suas criações, e destruindo as placas do exército. Os grileiros, com mais alguns apadrinhados do governador, que patrocinou a chacina, rearmaram o botim. Atualmente é esperada na região uma comissão mista — federal e estadual — para solucionar definitivamente a questão.

## TERRA DOS INDIOS

Agora está sendo preparado outro grande grilo, os latifundiários usando como pretexto as terras dos índios Coronados que habitam as margens do rio das Cobras, afluente do Iguaçu e

acusando os posseiros das vizinhanças de que querem se apoderar dessas terras. Os índios, menos de 500, são domos de 8.000 alqueires, terras já reconhecidas oficialmente como suas, mas ainda não tituladas definitivamente pelo governo, o que significa completa ausência de garantias.

Os latifundiários das grandes companhias madeireiras estão espalhando entre os índios o boato de que o governo resolveu conceder-lhes dez mil alqueires e que os posseiros, que há muitos anos ocupam essas dez mil alqueires de diferença, estão roubando terras que pertencem aos silvicultores.

O objetivo dos latifundiários é criar um choque armado entre os índios e os posseiros, acarretar a intervenção do governo para pacificar a região, com a consequente expulsão dos posseiros como subvertedores da ordem, e, assim, permitir que surjam as condições para apoderar-se dos 10 mil alqueires de áreas, depois que o governo titular definitivamente o oito mil alqueires a que os índios têm direito.

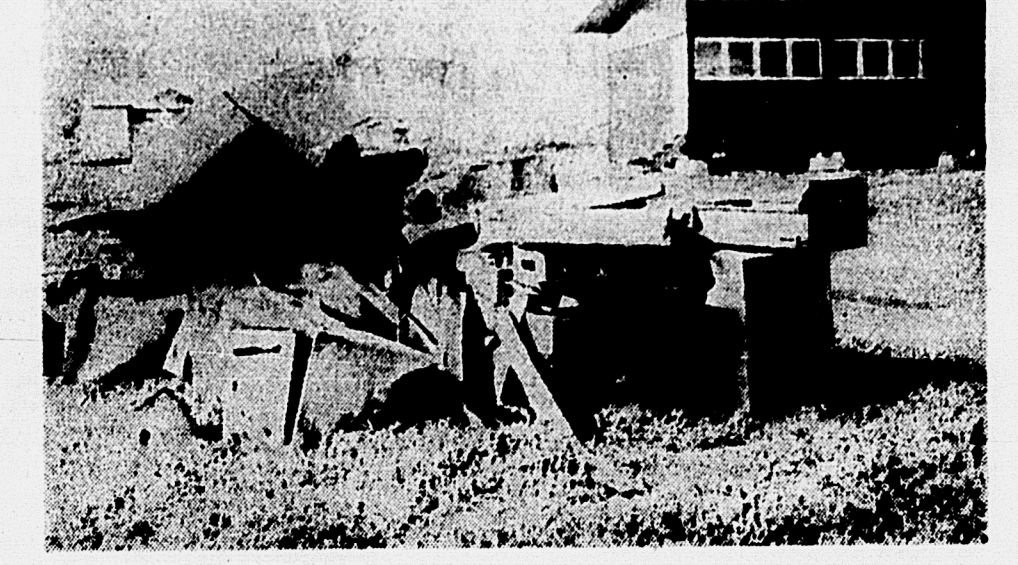
## PEDRO CHAVES

Procuramos, até a qui, apresentar um panorama geral da situação no oeste do Paraná, causas e mecanismo dos grilos. Agora vamos a um caso concreto, doloroso, produto da desumanidade do latifúndio.

Pedro Chaves da Silva, pai de seis filhos menores instalou-se em 1953 em 15 alqueires da comarca de Cruzeiro do Oeste, onde erigiu duas casas, uma tulha, plantou 10 mil pés de café, formou um pasto, 2 canaviais, um laranjal, mandiocal, fez manjedouras, chiqueiros.

Em 1958, vindo de Londrina, apareceu Potássio Rodrigues com um título e vendeu as terras de Pedro Chaves para Júlio Frazoni. E ofereceram cem mil cruzeiros para Pedro abandonar suas coisas sem reclamar, contratando ainda, no dez mil cruzeiros, um jagunço chamado Jaime para matá-lo caso resistisse.

No dia 3 de junho de 1958, Pedro foi à polícia acompanhado de uma carta de seu advogado para o coronel Antônio Michilizen, chefe de polícia de Cruzeiro do Oeste, que mandou um cabo chamar Potássio Rodrigues para se explicar. Pedro me conta com tristeza: — O grileiro e o coronel se fecharam numa sala e não me deixaram entrar. Não sei que arranjos combinaram, que quando saíram o coronel que antes parecia do meu lado, veio me dizendo para eu aceitar o acordo.



## PREFEITURA QUEIMADA

No primeiro plano, destroços dos arquivos da prefeitura de Cascavel incendiada em outubro de 1960. Ao fundo, à direita, o novo prédio.

O acordo era a aceitação dos cem mil cruzeiros. Potássio e Frazoni entregariam, cada um, um cheque de cinquenta mil cruzeiros, juntamente com o título, para que o coronel guardasse durante 90 dias, pois só então o dinheiro seria depositado no banco, posto que na ocasião não tinham fundos.

## TRAÇÃO

Passados os 90 dias, o coronel Michilizen recusou-se a entregar os cheques a Pedro Chaves, alegando que não tinha autorização dos donos para fazê-lo. O posseiro disse então que não sairia da terra, afirmando que só assinaria a desistência quando recebesse o dinheiro. O coronel ameaçou, dizendo que iria intervir. No dia 6 de agosto — conta Pedro — chegaram à posse o inspetor Otacílio Rodrigues e seis soldados, todos com as armas na mão. "Teje preso, bandido. Você está invadindo a terra dos outros. Põe as armas no chão". "As armas estão aí na mão de vocês. Eu estou com a foice e o meu camarada com um machado, porque é esta a nossa ferramenta". "Diz que você tem uma carabina e uma parabelum". "Se tivesse não tinha deixado vocês chegarem aqui perto". Foi preso e arrastado para a delegacia.

João Telles, vice-presidente da União Geral dos Trabalhadores de Cruzeiro do Oeste, constituiu o advogado Nelson de Melo e foi com este ao coronel, que se recusou a libertar Pedro. Diante da recusa, fomos ao juiz de Direito de Pombal, dr. José, que deu duas horas ao policial para voltar. Pedro, como legítimo proprietário, alegou a propriedade. Além disso, ordenou a reintegração da posse, no dia

8 de outubro, obrigando o grileiro Frazoni e sua mulher a assinarem o documento diante de dois oficiais de justiça e duas testemunhas.

## VIOLÊNCIA

Pedro foi buscar a mulher no hospital, onde estava se tratando de pneumonia, recolheu os filhos, disse aos pais das crianças, e todos juntos voltaram e gastaram trinta mil cruzeiros arruando o café para colhê-lo.

O juiz, porém, foi substituído, e seu substituto, dr. Sidney, assinou nova ordem de despejo contra Pedro. No dia 30 de janeiro de 1961 entraram na propriedade o inspetor Otacílio Rodrigues, dois oficiais de justiça e jagunços. Nos puseram para fora, quebraram nossos móveis, e nós ficamos dormindo em baixo de um casebre, a criação sendo roubada e morrendo, os filhos adoecendo.

No dia da audiência no Fórum, o advogado Nelson de Melo fugiu para Curitiba, abandonando seu cliente. E a mulher de Frazoni, sorridente e triunfante, confessou que eles tinham comprado o advogado de Pedro.

## GOVERNO SE ESQUIVA

O posseiro foi a Curitiba entrevistarse com o governador Nel Braga, que dribla daqui, escapolle ali, promete adáqui, não o recebeu, mandando dizer que ele fosse procurar o chefe de Departamento de Geografia, Terras e Colonização. Como resposta, recebeu o conselho de constituir outro advogado para ser indenizado pelas benfeitorias, que a terra estava encravada e só depois o governo ia normalizar.

Ainda foi levado por um jornalista diretamente ao chefe de polícia, Italo Conti, para reclamar pelo menos os cem mil cruzeiros que os grileiros garantiram ter entregue ao coronel Michilizen, mas o chefe de polícia tinha, outras preocupações e não ia se incomodar com cem mil cruzeiros que um subordinado seu tinha roubado de um posseiro.

Pedro Chaves perdeu a propriedade, com um valor aproximado de três milhões de cruzeiros, e agora vive em Campo Mourão, com pouquíssimos recursos, dividindo uma casa com outra família e trabalhando numa lavanderia. — Mas eu vou continuar a lutar. E se não me derem o que é meu, eu me desgraço mas também desgraço mais alguém junto comigo.

## PROVAS

Perguntarão os leitores se tenho provas de tudo isso que tenho afirmado, se tenho certidões, cópias fotostáticas de contratos, etc.

Acontece que em Cascavel, os habitantes não têm provas legais nem de que existem. Ninguém tem sobre o prefeito anterior, tendo seu candidato derrotado nas eleições de 1960, queimou o prédio da Prefeitura, onde funcionava também o Cartório. Com o incêndio, desapareceram os papéis que comprovavam ter o prefeito extinguido e vendido a prática onde funciona o executivo municipal, assim como todos os documentos dos cartórios, títulos, fraudes, enfim, todas as benfeitorias realizadas com a abertura da municipalidade. Provas do incêndio também, com as várias fotografias que tirei das cinzas do prédio e seus arquivos.

## Cineclubismo A AVENTURA

Manuel

Continua em exibição o famoso filme de Michelangelo Antonioni, A AVENTURA, que tem merecido os mais elogiosos comentários por parte da crítica cinematográfica desta cidade. Este filme já chegou ao Brasil procedido de merecida fama, tendo provocado grande celeuma nas capitais da Europa onde foi apresentado. Até agora não conseguimos ter nenhuma crítica que explique porque se trata de um grande filme; a maior parte dos comentários que lhe têm sido favoráveis, não consegue definir todas as interrogações que ao espectador normal assalta. Via de regra, os críticos acham que se trata de uma grande obra de arte, que abre novos horizontes para a arte cinematográfica, e etc. e tal, porém, nada de explicar o porque da importância dominante na alta sociedade, isto é, no meio da gente bem. Para nós, o diretor Antonioni e seus financiadores perderam muita galta para mostrar um negócio já manjado, que é a decadência de uma instabilidade moral e emocional, sustentada por burguesia, sem, contudo, indicar, ou ao menos sugerir as causas determinantes desse processo de desgaste, além disso, apesar disso, nenhuma outra perspectiva de vida a fita nos apresenta, começando e terminando em um completo vazio.



ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO

# Kruschiov: "Cessaremos Provas Atômicas Quando Ocidentais Fizerem o Mesmo"

Foi festivamente comemorado em toda a União Soviética o 44.º aniversário da Revolução Socialista de Outubro. Como nos anos anteriores, o centro das comemorações foi Moscou. Pela imensa Praça Vermelha festivamente engalanada desfilarão milhares de trabalhadores da capital soviética, soldados e marinheiros, representantes da ciência e das artes.

A gigantesca manifestação popular de 7 de novembro em frente ao Mausoléu de Lênin, em cujas tribunas se encontravam representantes do Governo e do Partido Comunista da União Soviética, ao lado de convidados do estrangeiro, foi precedida de uma parada militar. As tropas foram passadas em revista pelo ministro da Defesa da URSS, marechal Malinovski, que leu uma ordem-dia afirmando que as Forças Armadas Soviéticas se mantêm em guarda às conquistas gloriosas da revolução socialista, mas reafirmando o desejo profundo de paz do povo soviético.

A paz — disse Malinovski — só estará assegurada através do desarmamento geral e completo, pelo qual se tem batido insistentemente o governo soviético, traduzindo as mais profundas aspirações do povo da URSS. Malinovski destacou a importância da solução do problema da Alemanha, por meio da assinatura de um tratado de paz, que está por concluir-se 16 anos depois de terminada a guerra. Acentuou a gravidade da questão de Berlim, no coração da República Democrática Alemã, onde as potências ocidentais continuam a concentrar tropas e armamentos. Concluiu Malinovski dizendo que as Forças Armadas Soviéticas estão vigilantes nas fronteiras da URSS.

centou: "Basta um só desses foguetes, no máximo dois, para tirar os nossos inimigos a vontade de sobrevoar o território soviético".

**O DESFILE**

A parada militar seguiu-se ao desfile dos trabalhadores de Moscou, uma autêntica demonstração de trabalho pacífico. Os representantes das fábricas, usinas, laboratórios, nas faixas e cartazes que carregavam, acentuavam as grandes conquistas do trabalho na URSS em todos os ramos da economia. Cifras mostravam o plano estatal sendo cumprido e ultrapassado.

**RECEPÇÃO À IMPRENSA**

No novo Palácio dos Congressos, no Kremlin, teve

lugar uma recepção à imprensa estrangeira organizada pelos dirigentes soviéticos. Nessa ocasião, o primeiro-ministro da URSS, Nikita Kruschiov, manteve contactos com vários jornalistas que representam na URSS jornais, revistas e agências telegráficas dos principais países. Respondeu-lhes a muitas de suas perguntas sobre questões da atualidade. Kruschiov salientou que a União Soviética está esperando pacientemente que as potências ocidentais façam o necessário para um entendimento entre o Leste e o Oeste quanto ao problema alemão e Berlim. Mas que essa espera não pode ser indefinida.

**AS PROVAS ATÔMICAS**

Interrogado pelos corres-

pondentes estrangeiros se a União Soviética prosseguirá nas provas atômicas que vem realizando ultimamente, o chefe do governo da URSS disse: "A União Soviética cessará as experiências atômicas quando os ocidentais fizerem o mesmo". (Como se sabe, mesmo durante a trégua nas experiências nucleares adotada pela URSS, EUA e Inglaterra, a França, aliada daqueles países na Organização do Tratado do Atlântico Norte, vinha efetuando provas no Saara).

Falando durante a recepção, Kruschiov reconheceu que as experiências nucleares são realmente nocivas à saúde. Mas acrescentou que apenas o desarmamento universal e completo pode

constituir uma solução a tal problema. Disse textualmente: "Fala-se dos efeitos nocivos das experiências atômicas sobre a saúde dos povos. Estabeleceu-se cientificamente que são maléficis à saúde, mas o uso das armas nucleares na guerra é um milhão de vezes mais perigoso não só para a saúde como para a própria vida dos homens, pois é claro que tais armas não estão sendo produzidas para serem conservadas em estoque".

**DESMENTIDO**

Há dias, as agências telegráficas americanas (UPI e outras) divulgaram pelo mundo (e no Brasil alguns jornais irresponsáveis publicaram em manchete) que três astronautas soviéticos

estavam perdidos numa nave espacial, recentemente lançada pela URSS. A URSS, ninguém ignora, lançou com êxito duas naves espaciais em torno da terra e duas outras em direção à Lua, uma das quais fotografou a face invisível do nosso satélite. Kruschiov foi interrogado pelos jornalistas no Kremlin sobre a nave que se teria perdido com os três astronautas. Declarou: "Não lançamos nenhuma nave tripulada ultimamente, nem temos o propósito de fazê-lo num futuro próximo. Contudo devo dizer-lhes que as naves cômicas lançadas por nós ao espaço até agora não constituem mais do que o início de nossa conquista do Cosmos. Por isso, deverá haver outros lançamentos".

## Os Condenados de Nuremberg

(Conclusão da 4ª pag.)

te por seus crimes, mas sentenciado e posto novamente em liberdade em 1951, proclamou o Estado de Bonn a pátria dos criminosos SS.

O chanceler da República Federal Alemã, Adenauer, sublinhou em 1956: "Já sei que de há muito os soldados das tropas SS são gente honesta".

Numa concentração nazista que teve lugar em 1960, em Wimpshelm, sob proteção da polícia, 1.300 ex-membros das tropas SS gritaram a plenos pulmões: "Somos a guarda negra amada por Hitler".

**KÉITEL NÃO FOI O ÚNICO**

Na sentença do Tribunal Militar de Nuremberg, o general Kéitel foi considerado culpado de um crime de guerra, de conspiração e de crimes contra a paz; crimes de guerra; crimes contra a humanidade.

No entanto, deve-se considerar que o chefe do Supremo Comando do Exército nazista, marechal Kéitel, não foi o único que elaborou planos de agressão. Um dos seus colaboradores mais próximos foi Adolf Heusinger, chefe da seção de operações do Alto Comando Militarista e autor dos planos agressivos contra os Estados a serem invadidos. Heusinger estabeleceu também o Plano Barba-roxa para a invasão da União Soviética. Hoje, Heusinger é presidente do Comitê Militar da OTAN em Washington, depois de ter sido assessor de Adenauer no rearmamento e primeiro signatário do memorandum dos generais do Exército federal no qual se pede a aplicação limitada do serviço militar obrigatório, o reforçamento da aliança da OTAN, visando a restaurar a supremacia da Europa Ocidental e o armamento atômico total do exército de Bonn.

Ao lado de Heusinger apareceram os criminosos de guerra Speidel, Kammhuber, Fertsch, von Hofe, Ruge e outros. Mais de 160 generais e 670 coronéis comandam hoje o exército germano-ocidental da OTAN. Todos eles, sem exceção, são ou ex-generais ou oficiais do Exército ou foram altos oficiais do Exército nazista que praticaram crimes de guerra em quase todos os países europeus.

Diz-se ainda na sentença do Tribunal Militar Internacional: "Ribbentrop serviu tão fielmente a Hitler até o fim porque a política e os planos destes coincidiam com os seus próprios".

— Ofendida por certo dos colaboradores destinados do Ministério das Relações Exteriores de Bonn também ocuparam cargos de relevância sob Ribbentrop, entre eles, por exemplo, Hasso von Eizendorff, representante do Ministério do Interior junto ao Alto Comando do Exército Nazista e do ex-alto oficial das SS e hoje embaixador em Londres.

— Werner von Haeften, ex-chefe da Seção Europeia ocidental do Departamento Político do Ministério das Relações Exteriores nazista, hoje é diretor-geral de uma seção do Ministério.

— Karl Werkmeister, ex-diplomata nazista em Budapeste, hoje é embaixador em Estocolmo.

— Herbert Blankendorff, ex-embaixador nazista em Berne e hoje embaixador junto à Organização do Tratado do Atlântico Norte em Paris.

A sentença do Tribunal Militar de Nuremberg, que durante 25 anos anunciou a vitória da justiça anti-fascista, não conseguiu, em amplos círculos, como investigador anti-fascista n.º 1, F. J. Folie quem aprovou as leis de Nuremberg em 1935.

Essas nefastas leis de Nuremberg foram redigidas e comentadas pelo Dr. Hans Globke, que, em reconhecimento por seu mérito, foi proposto pelo ex-Ministro do Interior e criminoso de guerra nazista Frick para uma condecoração. Hoje, Globke é secretário de Estado da Chancelaria de Bonn e, depois de Adenauer, é o homem mais poderoso do aparelho de Estado da Alemanha Ocidental.

Os fatos permitiriam ligar muitos pontos da sentença de Nuremberg com a situação do Estado dos ultramar de Bonn. Assim, por exemplo, também a Gestapo (Polícia Secreta de Estado) e o Serviço de Segurança nazista foram condenados pelo Tribunal Militar, que os considerou criminosos. Não obstante, dissimulados colaboradores dessas organizações criminosas manejam hoje o aparelho de Estado da Alemanha Ocidental, no qual ocupam postos de direção.

O Estado de Bonn se apoia em forças condenadas legalmente pelo Tribunal dos Povos por seus atentados contra a paz e contra a humanidade. Estas forças continuam assumindo o Poder na Alemanha Ocidental, prosseguindo sua política anticomunista e belicista, como se jamais tivesse havido nada em Nuremberg.



Festa na Sede da Delegação Comercial Soviética

O 44.º aniversário da Revolução Socialista foi comemorado na última terça-feira, dia 7 de novembro, na nova sede da Delegação Comercial da URSS no Brasil, agora instalada na rua Alice, 175, nos Laranjeiras. Dezenas de diplomatas, representando várias embaixadas, escritores, jorna-

listas e personalidades de projeção no mundo artístico, e do comércio e indústria de São Paulo e da Guanabara, estiveram presentes ao animado coquetel, oferecido pelos delegados comerciais soviéticos. Os amplos salões do palacete da rua Alice, bem como os jardins que o circundam, fi-

caram repletos de convidados, que receberam todos as atenções dos dez membros da Delegação Comercial da URSS e do seu chefe, sr. Victor Asov. Durante a festa foram exibidos vários filmes documentários, sobre as realizações do Estado soviético. Na foto, aspecto da festa.

## Cid Sampaio Atira ao Desabrigo Mais de 500 Famílias Camponesas

Recife. (do Correspondente) — Queimando casebres, derrubando cercas e devastando plantações "por ordem do governador Cid Sampaio", jagunços comandados pelo capitão de campones Luiz Soares vêm expulsando modestos camponeses das terras onde habitam há muitos anos, no município de Cabo. Cerca de 500 famílias já foram desabrigadas do local, que está sendo ocupado pela Companhia Pernambucana de Borracha Sintética (COPERBO), empresa da qual o Estado é grande acionista.

Organizados na "Sociedade São José Protetora dos Trabalhadores do Cabo" os camponeses vêm resistindo como podem. A sua frente, comandando a resistência, está o padre Antonio Melo, pároco da localidade. O reverendo, estimadíssimo em todo o município do Cabo, declarou a reportagem que permanecerá lutando "até a morte" em defesa dos humildes camponeses, vítimas das injustiças da covardia e da prepotência do governador Cid Sampaio. O padre Melo, que é orador da "Sociedade São José Protetora dos Trabalhadores do Cabo", após afirmar que, a muito custo, conseguiu o apoio dos políticos locais, vacilantes ao início, queixou-se da imprensa local, dizendo: "Estou completamente sem cobertura jornalística, quer falada quer escrita". E acrescenta: "Fico ainda mais decepcionado quando todos com quem falo me dizem que a imprensa não pode, nem que queira ficar ao nosso lado. A isto se refere, e lamentável e uma denúncia contra a própria liberdade humana dentro desse regime que me parece apodrecido". Finalizando suas declarações o padre Melo critica a Assembleia Legislativa de Pernambuco, dizendo não compreender o silêncio daquele órgão diante de tantos crimes praticados contra tantas famílias indefesas.

**RESISTÊNCIA**

Organizados na "Sociedade São José Protetora dos Trabalhadores do Cabo" os camponeses vêm resistindo como podem. A sua frente, comandando a resistência, está o padre Antonio Melo, pároco da localidade. O reverendo, estimadíssimo em todo o município do Cabo, declarou a reportagem que permanecerá lutando "até a morte" em defesa dos humildes camponeses, vítimas das injustiças da covardia e da prepotência do governador Cid Sampaio. O padre Melo, que é orador da "Sociedade São José Protetora dos Trabalhadores do Cabo", após afirmar que, a muito custo, conseguiu o apoio dos políticos locais, vacilantes ao início, queixou-se da imprensa local, dizendo: "Estou completamente sem cobertura jornalística, quer falada quer escrita". E acrescenta: "Fico ainda mais decepcionado quando todos com quem falo me dizem que a imprensa não pode, nem que queira ficar ao nosso lado. A isto se refere, e lamentável e uma denúncia contra a própria liberdade humana dentro desse regime que me parece apodrecido". Finalizando suas declarações o padre Melo critica a Assembleia Legislativa de Pernambuco, dizendo não compreender o silêncio daquele órgão diante de tantos crimes praticados contra tantas famílias indefesas.

**CHANTAGEM**

Os criminosos despejos são efetuados sem ao menos serem indenizadas as vítimas. Uma ou outra família (não mais que uma dezena), apenas, residentes na área há mais de 10 e 15 anos, andou recebendo 4 mil cruzeiros a título de "consolação". Importância que não chega, sequer, para comprar um mocambo. Numa chantagem das mais revoltantes o governo do Estado vem afirmando que os que se opõem a ideia de abandonar o local, onde seriam construídas fábricas, são inimigos da industrialização de Pernambuco. Enquanto isso, entretanto, nenhuma providência é tomada para que, pelo menos, não restem ao relento as famílias que tiveram seus lares destituídos.

**ARROGÂNCIA**

Tendo suas violências acobertadas pelo governo estadual, os diretores da COPERBO tornam-se arrogantes e desdenham as mais enérgicas ameaças aos camponeses que ainda resistem e não abandonaram suas habitações e plantios. No dia 28 de agosto último, respondendo a um telegrama que fora endereçado ao governador Cid Sampaio relatando as arbitrariedades, os senhores Ismar de Castro e Silva e Jorge Veiga, respectivamente presidente e vice-presidente da companhia, afirmam que os camponeses do Cabo são "invasores" e que "evidentemente, haveremos de reprimir qualquer abuso no desrespeito à nossa propriedade, tal como vimos, e energeticamente, reprimindo até agora". Como vêm os líderes, os diretores da COPERBO dizem com todas as letras que queimarão, quando assim bem o desejarem, os casebres dos pobres camponeses. E o governador Cid Sampaio, como idealizador e dirigente máximo da em-

# Entrou no Oitavo Ano a Guerra de Libertação Nacional na Argélia

A 1.º de novembro o povo da Argélia comemorou o sétimo aniversário de sua guerra de libertação nacional. Infelizmente, não é a comemoração de um feito histórico mas de um feito em curso. Nas ruas das cidades argelinas lagaram com o sangue, com a vida, em demonstração pública e ordeira de seu heroísmo, dezenas de argelinos barbaramente assassinados pelas tropas coloniais francesas. Os telegramas de Paris no dia 2 de novembro — Dia dos Mortos — falavam em 77 vítimas fatais entre os manifestantes argelinos na África. Em Paris, as prisões se enchiam de muçulmanos, patriotas argelinos solidários com seus irmãos em armas. Os despatches subsequentes eram contraditórios e reticentes: "os independentistas franceses na Argélia começam a ler as listas, contam o número de mortos nas manifestações de 1.º de novembro... e verificam que os dados não cobrem cem. De onde saem esses mortos? A Frente de Libertação Nacional responde, simplesmente, que foram vítimas da polícia, anteontem. O francês diz que não é possível, desconfiando de que há um embuste..."

Isso vem numa correspondência da França. Setenta e sete, uma centena, duas centenas de mortos argelinos — o fato é que a guerra colonial de parte da França continua e continua a resistência já parte de um

povo que quer ver-se livre da opressão secular. Sete anos passaram-se. Entra a guerra de libertação nacional da Argélia no oitavo ano.

Depois de sete anos de resistência heroica na Colônia Metrópole — lutando a França com o potencial bélico fornecido por seus aliados do Tratado do Atlântico Norte (o Bretudo Estados Unidos) — o povo argelino devedor de que os colonizadores franceses estão de há muito irremediavelmente derrotados? De que não lhes é mais possível impor seu domínio ao povo argelino? De que não lhes resta outro caminho senão reconhecer a autodeterminação da Argélia, sua completa e absoluta independência?

Do lado argelino todos os esforços têm sido empregados em favor de uma solução pacífica do crescente conflito. O lado francês tem lançado mão de todas as soléncias, engodo e traíções. Líderes argelinos (os confiantes lam a Paris) substituíram conversações de paz com uma cilada dos colonizadores, que os fizeram prisioneiros. Pensava a grande burguesia francesa que assim decapitava o comando da guerra de libertação nacional. Mal sabia que as forças revolucionárias gozavam constantemente novos e novos líderes, e as forças revolucionárias não peraltavam francesas e que tiveram de buscar um novo líder — um general de fama —

uma última e derradeira tentativa de salvar seu império.

De Gaulle é hoje uma sombra daquele arrogante chefe que encorajou o Poder em 1958 com a atitude de que não teve mais século nenhum dirigente estatal francês. A guerra de libertação nacional argelina reduziu a nada o passado de De Gaulle, suas tentativas de reduzir pela força britânica o povo à escravidão. Nem as perseguições às forças democráticas e progressistas da França, nem a multiplicação das unidades militares francesas na Argélia, nem o poder prestado a surtiram o efeito desejado — guardado pelas "famílias". Malograram também os truques e artimanhas para atrair os líderes da Frente de Libertação Nacional a uma nova cilada. Durante os últimos anos, a FLN se tornou ampliosa, grandemente sua influência, unificou novas forças para a luta de libertação. Há pouco, o velho dirigente do governo de libertação argelino Ferhat Abbas foi substituído por um dirigente mais jovem e dinâmico, mais integrado com as forças do progresso e destrutante maior prestígio entre seu povo: Ben Kheda.

O governo argelino exaltado do presidente Kheda continua no seu propósito de alcançar o reconhecimento da independência da Argélia através de negociações dire-

## PORTUÁRIOS SANTISTAS DERROTAM M. O. S. RELEGENDO MANOEL DE ALMEIDA

A seção de Santos do Movimento de Orientação Sindicalista sofreu, no mês de outubro, uma nova derrota nesta cidade, quando da eleição para a Diretoria, Conselho Fiscal e Delegação Federativa do Sindicato dos Operários nos Serviços Portuários, vencida pelo líder Manoel de Almeida, que obteve 3 774 votos contra 942 sufrágios concedidos ao sr. Daniel de Oliveira Bispo.

Devido às suas posições consequentes e à linha unitária de sua conduta à frente do maior Sindicato santista, o sr. Manoel de Almeida foi, nos dois anos de sua

primeira gestão, que acaba de findar, vítima de uma intensa campanha de calúnias e difamações, veiculadas principalmente através do pasquim divisionista "O Expresso". Acusações de toda ordem, desde as politicas, como a de comunista, até as que atingiam a honra do dirigente portuário, como a de dilapidador do órgão de classe, foram-lhe associadas, usando quebrar o prestígio de que desfrutava no seio dos numerosos companheiros de categoria profissional.

Respondendo a isso, a Diretoria presidida por Manoel de Almeida reconstruiu, com a ajuda dos trabalhadores, a sede do Sindicato, que será a maior do Brasil (com sete salas de aula e um auditório para 2 mil pessoas), e conquistou mais de trinta reivindicações há muito formuladas pelos operários portuários.

## Marítimos Instalam Sede do PCB

EMPENHADOS na luta pelo registro do Partido Comunista Brasileiro, os trabalhadores marítimos inauguraram, no próximo dia 11, às 18 horas, na rua Camerino, 36, a Comissão Pró-Registro do PCB. Todos os trabalhadores da orla marítima estão convidados para o ato, durante o qual falarão vários oradores, entre os quais representantes de vários partidos políticos e líderes sindicais de diversas categorias profissionais. A Comissão funcionará permanentemente no endereço acima mencionado.

Quem pôde duvidar de que, também na Argélia — como na China, na Indonésia, na Índia, na Birmânia, na Guiné, na Congo, Nigéria — os comunistas e imperialistas reeditarão igualmente o pó da guerra?

## FRENTE NACIONALISTA EM N. IGUAÇU

Patriotas de Nova Iguaçu (4.º Distrito) acabam de organizar a Frente Nacionalista, cuja direção ficou assim constituída:

Presidente — Djalma Malosso; Vice-presidente — Edilson R. da Fonseca; 1.º secretário — Darcy G. da Silva; 2.º secretário — João A. Chaves; 1.º tesoureiro — Luiz Justino; 2.º tesoureiro — Homero O. Damazio; 1.º Diretor de Propaganda — Manoel J. de Souza; 2.º diretor de propaganda — Alcides F. Justo; presidente geral — Gerônimo Roberto; Presidente do Conselho Fiscal — Durval Mateos; Conselheiros — Jorge G. da Silva e Helon M. da Silva.



# Polêmica Agripino-Mariani Comprova:

## Trustes Ianques Espoliam o Brasil

A polêmica que vem sendo montada na revista «O Cruzeiro» por dois ex-ministros do governo Jânio Quadros — os srs. João Agripino e Clemente Mariani — leva a conclusões que comprovam a procedência e a justiça das posições sustentadas pelos nacionalistas brasileiros, quer quanto à ação do imperialismo norte-americano em nosso país, quer quanto ao caráter do governo do sr. Jânio Quadros. Três conclusões principais podem ser ressaltadas desse debate:

1.) Os monopólios dos Estados Unidos e o governo de Washington (a serviço desses monopólios) mantêm sob o seu controle a política oficial do Brasil, particularmente a política econômico-financeira;

2.) A orientação seguida pelo governo do sr. Jânio Quadros manteve essa submissão e

3.) Só um governo ligado às forças nacionalistas e democráticas e que se disponha a romper com a sujeição a Washington pode, de fato, resguardar a soberania nacional e promover o desenvolvimento econômico do país em função dos interesses do nosso povo.

### Submissão aos trustes

Em sua primeira entrevista, atribuindo a renúncia do sr. Jânio Quadros à pressão sobre ele exercida pelos

«grupos econômicos» sobre tudo estrangeiros, o sr. João Agripino denunciou o ex-ministro da Fazenda como um homem ligado a esses grupos, afirmando textualmente que «a política financeira era decorrente de compromissos financeiros para a obtenção de financiamentos externos».

Tentando defender-se, o sr. Clemente Mariani confessou. E ao referir-se à Instrução n.º 201 da SUMOC (base de toda a política econômica do governo passado) afirma textualmente: «A tese que sustentei e que FOI RECONHECIDA PELO GOVERNO AMERICANO E O F.M.I. Seria impossível uma confissão mais clara e mais clara: a política econômica-financeira de nosso país, assunto de nossa competência única e exclusiva, de nossa soberania nacional, tem que ser submetida ao RECONHECIMENTO do governo norte-americano».

O que significa, na prática, esse reconhecimento, foi explicado pelo ex-ministro João Agripino em sua segunda entrevista. Disse o sr. Agripino: «O ministro da Fazenda levou ao F.M.I. a orientação da política financeira do Brasil — que, aceita, implicou necessariamente COMPROMISSOS, NOSSOS para com aquela organização internacional e PARA COM OS BANCOS que se disputam ao financiamento pretendido pelo Brasil».

E que resultam desses compromissos? O sr. João Agripino fornece alguns exemplos, que nada significam para entreguistas como Mariani, Gudin ou Moreira Sales, mas que enchem da mais justa e incontida revol-



ta todos os verdadeiros patriotas.

Eis um exemplo: o Ministério da Fazenda discutia com as companhias fornecedoras de petróleo (a Esso e a Shell, principalmente) o desdobramento de dívidas existentes. Nesse meio tempo o ministro de Minas e Energia em entrevista à imprensa, anunciou que a partir de 1962, o Brasil produziria em suas refinarias gasolina bastante para o consumo interno e que, então, já não se justificaria que a sua distribuição fosse feita em nosso país por companhias estrangeiras». Ao mesmo tempo, anunciava-se que a distribuição de gasolina em Brasília passaria a ser feita diretamente pela Petrobrás. O sr. João Agripino acrescenta: «Dois dias depois, o ministro Mariani me telefonava, comunicando que fora interpelado pelas com-

panhias fornecedoras de petróleo sobre a minha declaração. Sendo por inteira procedente, como orientação governamental elas se recusaram a entendimentos conosco, na base do desdobramento de seus créditos e isso importaria nas mesmas dificuldades EM RELAÇÃO A OUTROS CREDORES, dizia-me o ministro».

Outro exemplo, que serve para esclarecer porque, apesar das declarações repetidamente feitas pelo sr. Jânio Quadros, não se estabeleceu o intercâmbio comercial com os países socialistas na medida permitida pelas possibilidades e exigida pelos nossos interesses, é o que se liga ainda ao F.M.I. Diz o sr. Agripino: «Ninguém imagina que as relações financeiras, a cargo do ministro da Fazenda COM O GOVERNO AMERICANO E COM O F.M.I. estivessem contidas estritamente no âmbito de seu Ministério. Nelas se cuidava da posição do capital estrangeiro no Brasil e de nosso país NAS SUAS RELAÇÕES COM O MUNDO ORIENTAL».

E historiando as discussões na Comissão Intermistrial acerca do projeto de limitação da remessa de lucros pelas empresas estrangeiras, lembra o sr. João Agripino que o sr. Mariani repeliu o projeto apresentado pelo ministro de Minas porque o «considerava contrário aos COMPROMISSOS assumidos no exterior». E mais: «Como eu insistisse, sob o fundamento de que, sendo essa proposição mais condizente com o interesse do país, devia correr o risco das possíveis reações, o ministro Mariani comunicou-me que, a prevalecer a nossa proposição, estaria demissionário e não compareceria à Conferência de Punta del Este, porque NÃO TERIA COMO SE EXPLICAR AO EXTERIOR, diante da nossa conduta».

A propósito da reforma bancária e da limitação dos lucros extraordinários, diz o sr. João Agripino: «Os bancos estão no Brasil nas mãos de sete grupos financeiros. E não há incorporador, empreiteira de estrada, fornecedor do Poder Público, organização industrial que não trabalhe dia e noite para esses bancos. Desrespeitam a lei de usura impunemente e não emprestam um centavo para os empreiteiros que concorrem para o desenvolvimento econômico do país, como as indústrias de base». Ligados a esses grupos financeiros estão tanto o ex-ministro da Fazenda, sr. Clemente Mariani, como o atual ministro, sr. Walter Moreira Sales.

Depois de mencionar esses exemplos, pergunta o sr. João Agripino: «Tínhamos liberdade para a elaboração da legislação que, a meu ver, ou de qualquer outro, melhor conviesse ao interesse do país?»

### Jânio manteve

Entretanto, o sr. Jânio Quadros manteve, sem ne-



nhuma alteração, nos seus sete meses de governo, essa humilhante dependência de nossos interesses nacionais aos grandes monopólios imperialistas. Isso se confirma à luz da própria polêmica Agripino-Mariani. Eis alguns fatos:

1) Declaração de Mariani afirmando existir perfeita compreensão entre ele e Jânio;

2) Declaração do mesmo Mariani reconhecendo que Jânio submeteu-se passivamente às pressões econômi-

cas durante os sete meses de governo;

3) Ao surgir o incidente com as companhias petrolíferas a solução encontrada pelo governo foi tranquilizá-las, tornando público que a nacionalização de distribuição seria progressiva e não atingiria de pronto a distribuição estrangeira;

4) Para orientar-se na questão do capital estrangeiro, o sr. Jânio — diz Mariani — «pediu-me que solicitasse uma sugestão ao embaixador Roberto».

isto é, ac mais empedernido dos estrangeiros;

5) O projeto enviado por Jânio ao Parlamento sobre o capital estrangeiro é o defendido pelo sr. Mariani. Eis como o sr. Agripino define esse projeto, preferido por Jânio: «Pelo projeto Mariani, o capital estrangeiro ingressa livremente, retorna livremente, lucra livremente, se estabelece na atividade que lhe convier, remete os lucros sujeito apenas à tributação».

Al estão alguns aspectos da política independente, realizada pelo sr. Jânio Quadros, o capitulador.

### Só o nacionalismo

A polêmica Agripino-Mariani comprova, como se vê, as denúncias sistematicamente feitas pelas forças nacionalistas acerca da espoliação de nosso país pelos trustes norte-americanos e da submissão dos sucessivos

governos aos banqueiros e governantes de Washington. Comprova também a justiça da tese de que só um governo nacionalista e democrático, que tome corajosamente os compromissos vergonhosos que nos ordenam aos monopólios ianques e adote para o Brasil uma política progressista e independente, exprimirá de fato os interesses nacionais e defenderá a soberania da pátria. Isso é o que mostra por exemplo, a última resolução dos comunistas brasileiros ao reinvidicar a imediata substituição do atual Conselho de Ministros — cuja política econômico-financeira é orientada pelo sr. Moreira Sales, homem de tanta confiança de Washington como o sr. Clemente Mariani — por um gabinete formado de patriotas e democratas autênticos, capazes de opor-se a todo tipo de pressões externas e de conduzir o Brasil pelos caminhos da independência, do progresso e do bem-estar do povo.

# NOVOS RUMOS

## Grave Ameaça de Nova Agressão Ianque a Cuba

Grave ameaça de agressão armada volta a pesar sobre Cuba. Confirmando a denúncia apresentada pelo governo de Fidel Castro há algumas semanas, intensificam-se em todos os terrenos os preparativos dirigidos pelo imperialismo norte-americano para mais um criminoso ataque militar contra o povo cubano. Não tendo conseguido êxito em suas tentativas de levantar a contra-revolução interna, os monopólios e o governo dos Estados Unidos, ao que tudo indica, passaram a apressar febrilmente o seu plano de esmagar a ferro e fogo a Revolução Cubana.

Tanto no território dos Estados Unidos como no de alguns países da América Central — como aponta, com dados concretos e irrefutáveis, a recente nota da Chancelaria cubana — tropas mercenárias estão sendo treinadas, com armamentos e sob a direção de oficiais dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, intensifica-se a onda de terrorismo pelo agentes ianques infiltrados em Cuba, tendo sido nos últimos dias descoberto um complot cujo principal objetivo era a eliminação física do primeiro-ministro Fidel Castro e outros líderes do povo cubano.

Simultaneamente, sucedem-se as provocações visando criar dificuldades para o governo de Cuba em suas relações internacionais, particularmente na América Latina. Depois do fracasso da comédia dos «documentos» supostamente apreendidos na Embaixada cubana em Buenos Aires, chegou a vez do governo lituano de Rómulo Betancourt, da Venezuela, «descobrir» subversões dirigidas por Fidel Castro e agravar as relações diplomáticas com Cuba, à beira do rompimento. No Parlamento venezuelano, onde Betancourt vem sendo duramente criticado, o deputado Hugo Luizo fez gravíssima revelação: os Estados Unidos procuram anular a vontade dos países da América Latina nas vésperas de uma invasão armada contra Cuba, a qual de-

verá ocorrer entre 30 de novembro e 5 de dezembro. Outro deputado — Jesús María Casas — acusou o presidente Betancourt de ter acertado o rompimento com Cuba há quinze dias, em seu encontro com Prio Socarrás, realizado clandestinamente no local denominado «El Junquito», nas proximidades de Caracas. Socarrás, como se sabe, não passa hoje de um traidor de sua pátria, vendido aos monopólios e governantes norte-americanos.

Há um grave perigo pesando sobre Cuba, sobre todos os povos da América Latina, sobre o povo brasileiro. Uma agressão armada contra Cuba, visando restaurar na pátria de Martí domínio dos trustes americanos e dos latifundiários do açúcar, é uma ameaça igualmente para todos os povos da América Latina.

Hoje, mais do que em qualquer outra época, portanto, urge que se erga a mais poderosa onda de solidariedade e apelo ao povo cubano, ao seu governo, à sua Revolução. A manifestação dessa solidariedade é, realmente, urgente, não pode ser subestimada nem protelada. Os imperialistas estão decididos a abater sobre Cuba as suas garras, criminosas. Precisamos mobilizar-nos para impedir que se consuma esse crime. Os trabalhadores, os camponeses, os estudantes, os patriotas de todas as classes, todas as pessoas progressistas e amantes da paz precisamos, imediatamente, exprimir o seu repúdio à agressão iminente, inclusive fazendo ver ao governo brasileiro — que, ainda há poucos dias, através da palavra do sr. João Goulart reiterava a posição de nosso povo a favor da autodeterminação de Cuba — que não admitiremos nenhuma complacência em face dos criminosos agressores.

Cuba sim, ianques não! — é este brado de solidariedade e de luta que adquire hoje particular atualidade. É necessário que ele se transforme num invencível clamor, partido de todas as bocas, ao longo de todo o país.



## BH: CONGRESSO DE CAMPONESES MOSTRARÁ A JANGO E TANCREDO NECESSIDADE DA REFORMA AGRÁRIA

O presidente João Goulart e o primeiro-ministro Tancredo Neves deverão comparecer a Belo Horizonte para instalar e encerrar o I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, que se reunirá de 15 a 17 de novembro.

O conclave, convocado pela União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB), será a primeira reunião nacional dos camponeses depois da fundação daquela entidade. Na oportunidade, os homens do campo brasileiro discutirão entre si os problemas inerentes ao trabalho agrícola, suas reivindicações, apresentando-os e reclamando das inúmeras autoridades convidadas soluções urgentes que venham libertar do atraso e da miséria os milhões de homens que trabalham a terra e que representam a maioria da população brasileira.

### ESTADOS SE PREPARAM

O trabalho de preparação do I Congresso está sendo metodosamente realizado em todos os Estados, onde, em congressos ou conferências locais, são designados os delegados que irão representar seus conterrâneos na capital de Minas Gerais.

Nessas reuniões estaduais, os trabalhadores rurais examinam os problemas e reivindicações específicos de seus Estados para, juntamente com seus pontos de vista sobre questões de ordem geral, nacional, apresentá-los a seus ir-

mãos de trabalho de outras regiões, o que permitirá aos dirigentes das organizações camponesas uma visão geral do problema agrário.

### REFORMA AGRÁRIA

Não obstante sua diversidade, as grandes diferenças específicas para solucionar a questão nas várias regiões do Brasil, a reforma agrária será o centro dos debates de Belo Horizonte.

A imperiosa necessidade de modificar a estrutura agrária brasileira, acabando com o latifúndio improdutivo, responsável pela miséria e a situação de semi-escravidão em que vive o homem do campo, já tomou conta hoje da consciência da maioria da nação, que exige a adoção imediata de, pelo menos, algumas medidas de reforma agrária.

### OUTROS PROBLEMAS

Os camponeses exigem também a consecução de algumas medidas paralelas que viariam minorar seu sofrimento e criar novas condições que facilitariam a extinção total do latifúndio.

Entre elas, avultam a garantia de melhores contratos agrícolas, melhores salários, assegurando-se o pagamento do salário mínimo, abolição do vale, do barracão e de qualquer espécie de trabalho gratuito, cooperativismo agrícola, aplicação da legislação trabalhista ao campo, reconhecimento e respeito à sindicalização rural.